



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MAISA MARINHO DIAS

“MEU PÉ DE TARUMÃ FLORIDO”:
CULTURA E TRADIÇÃO LOCAL CONTADAS ATRAVÉS DE IMAGENS.

Tocantinópolis/TO
2022

MAISA MARINHO DIAS

**“MEU PÉ DE TARUMÃ FLORIDO”:
CULTURA E TRADIÇÃO LOCAL CONTADAS ATRAVÉS DE IMAGENS.**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis, Curso de Ciências Sociais para obtenção do título de graduação e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Dr^a. Mariane da Silva Pisani

Tocantinópolis/TO
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

D541 " Dias, Maisa Marinho.
"Meu Pé de Tarumã Florido" :: Cultura e tradição local contadas através
de imagens. / Maisa Marinho Dias. – Tocantinópolis, TO, 2022.
100 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Tocantinópolis - Curso de Ciências Sociais, 2022.
Orientadora : Mariane da Silva Pisani

1. Porto Franco-MA. 2. Análise do Discurso. 3. Cultura. 4. Fotografias. I.
Título

CDD 300

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

FOLHA DE APROVAÇÃO

MAISA MARINHO DIAS

“MEU PÉ DE TARUMÃ FLORIDO”: CULTURA E TRADIÇÃO LOCAL CONTADAS ATRAVÉS DE IMAGENS.

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Tocantinópolis, Curso de Ciências Sociais para obtenção do título graduação aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 08/ 06/ 2022

Banca Examinadora

Profª. Dra. Mariane da Silva Pisani – UFT, orientadora

Profª. Dra. Rita de Cássia Domingues Lopes – UFT, membro interno

Prof. Me. Wellisson Rafael Barros Silva - UFT, membro externo

Tocantinópolis, 2022

Dedico esse trabalho aos meus pais, José e Mariza, ao meu esposo João e aos meus irmãos Josélia, Danilo e Daniel, que sempre estiveram ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido o dom da vida e ter me proporcionado a oportunidade de chegar até aqui. Por muito tempo eu achei que não seria capaz de adentrar a Universidade pública, tão pouco me formar.

Agradeço também ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) que possibilitou essa pesquisa a partir do financiamento da mesma entre os meses de Setembro de 2021 a Agosto de 2022.

A conquista da bolsa PIBIC/UFNT e do desenvolvimento deste trabalho só foi possível graças à minha orientadora professora Doutora Mariane da Silva Pisani, que desde sua chegada como professora na universidade em 2019, sempre esteve presente na minha trajetória de graduação, me apoiando e me incentivando sempre a dar o meu melhor. Seu trabalho com seriedade e compromisso possibilitou que hoje eu chegasse onde estou, por isso e por tudo, obrigada.

Agradeço, ao meu esposo João Sousa Fernandes, que nunca mediu esforços para me ajudar nessa longa jornada, sempre me estimulando a dar o melhor de mim, com paciência e afeto, do início ao fim da graduação, trilhar esse caminho ao seu lado foi bem mais fácil.

Agradeço, aos meus pais, José Dias e Mariza Marinho, que fizeram de tudo para que eu e meus irmãos Joselia Dias, Danilo Dias e Daniel Dias, tivéssemos a melhor educação possível e construíssemos um futuro em que eles, enquanto lavradores, não conseguiram. Agradeço também aos meus irmãos já citados, pois o fato de eu ser a mais velha de quatro irmãos fez de mim, mais forte e me desencadeou o desejo de inspirá-los.

Agradeço às minhas colegas e amigas que adquiri durante a graduação no Curso de Ciências Sociais: Fernanda Pereira, Rafaela Coutinho, Letícia Pereira, Nair Trajano, Suellen de Jesus, Thaissa Amanda, Eva Dagna, Larissa Rodrigues, Izabela Reis e Letícia Barroso. Sobretudo as craudinhas (grupo formado durante um evento acadêmico para esse fim, mas que se tornou um alicerce de apoio dentro e fora da universidade). Desde que conheci vocês no início do ano de 2018, venho aprendendo muito com cada uma. Ouvi muito ao longo do curso que, “não é possível fazer curso de Ciências Sociais sozinho(a)” e vocês me mostram que essa frase dita pelos professores do curso é verdadeira. Obrigada por tudo que construímos, vocês contribuíram significativamente para que eu chegasse onde cheguei.

Agradeço também aos professores do Curso de Ciências Sociais que foram pilares na minha graduação, vocês com toda competência e comprometimento me ofereceram o que ninguém pode me tirar, conhecimento.

Por fim, agradeço a todos aqueles e aquelas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse sonho.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é resultado de uma Análise de Discurso do livro *Meu Pé de Tarumã Florido: um retrato de Porto Franco*, escrito pelo escritor, poeta, professor e advogado porto franquino Waldemar Gomes Pereira e publicado no ano de 1997. Nosso objeto é a análise de discurso do livro “*Meu Pé de Tarumã Florido*”, de Waldemar Gomes Pereira para evidenciar como a obra propicia, através das fotografias, o entendimento sobre os processos de desenvolvimento e dinamização da cultura e da tradição local da cidade de Porto Franco. Desse modo, para cumprir nosso objetivo, realizamos uma revisão teórica sobre, Análise de Discurso, o uso das fotografias nas Ciências Sociais e na Antropologia, além dos conceitos, de Memória, Cultura e Patrimônio. O homem é o único ser vivo que posto em contato com outros é capaz de se adaptar, questionar seus próprios hábitos e modificá-los. Neste trabalho é possível perceber como os porto franquinos ao longo desses 25 anos após a publicação do livro, continuam em constante processo de mudanças em seus hábitos, costumes e tradições. O passar dos anos faz com que cada grupo de indivíduos, modifiquem os seus diversos modos de vida a fim do aperfeiçoamento de sua cultura. Este trabalho por sua vez, possibilitou através das fotografias a eternização das mudanças na cultura e dos espaços encontrados em 2022, da mesma forma que Waldemar Pereira os eternizou em 1997 com a publicação do livro.

Palavras-chaves: Porto Franco-MA. Análise do Discurso. Cultura. Fotografias.

ABSTRACT

This Monography is an Discourse Analysis of the book *Meu Pé de Tarumã Florido: um retrato de Porto Franco*, written by the writer, poet, teacher and lawyer from Porto Franco Waldemar Gomes Pereira and published in 1997. Our object is to highlight how the book provides through photographs an understanding of the processes of development and dynamization of the local culture and tradition of the city of Porto Franco. Thus to accomplish our goal, we reviewed the theory of Discourse Analysis, as well as the use of photographs in the Social Sciences and Anthropology, in addition the concepts of Memory, Culture and Patrimony. The human being is the only living being that when in contact with others is capable of adapting, questioning his own habits and changing them. In this Monography it is possible to see how the people from Porto Franco, 25 years after the publication of the book, continue in a constant process of change in their habits, customs and traditions. The passing of the years makes each group of individuals modify their various ways of life in order to improve their culture. This work, in turn, has made it possible, through photographs, to eternalize the changes in the culture and the spaces found in 2022, in the same way Waldemar Pereira eternalized them in 1997 with the publication of the book.

Key-words: Porto Franco-MA. Discourse Analysis. Culture. Photographs.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização Geográfica da cidade de Porto Franco no estado do Maranhão	30
Figura 2 – Foto do Livro - Mapa físico do Município de Porto Franco (1997)	31
Figura 3 - Mapa da cidade de Porto Franco (ano de 2022)	31
Figura 4 - Foto da Autora - Banhistas às margens do rio Tocantins	33
Figura 5 - Árvore Tarumã	34
Figura 6 - Flores do Tarumã	34
Figura 7 - Frutos Maduros	35
Figura 8 - Frutos, Polpa e Sementes	35
Figura 9 - Foto do Livro - Waldemar Gomes Pereira	36
Figura 10 - Capa do Livro - Meu Pé de Tarumã Florido	37
Figura 11- Sumário - Meu Pé de Tarumã Florido	38
Figura 12- Sumário - Meu Pé de Tarumã Florido	39
Figura 13 - Foto do Livro - A energia elétrica	44
Figura 14 - Foto do Livro - Turma de Senhoritas num domingo na cidade	48
Figura 15 - Foto do Livro - Rapaziada atuante na comunidade	48
Figura 16 - Foto do Livro - Grupo de Senhoritas em um dia de festa	49
Figura 17 - Foto da Autora - Grupo de Jovens na Atualidade	50
Figura 18- Foto da Autora - Bar do Bira em noite de Seresta	52
Figura 19 - Foto Gravinne Club- Vista Parcial do Gravinne Club	53
Figura 20 - Foto Enkanto do Porto- Vista Parcial do Clube Enkanto do Porto	53
Figura 21 - Foto do Livro - Peça de teatro infantil "A branca de neve"	56
Figura 22 - Foto do Livro - Athenas Clube	58
Figura 23 - Foto da Prefeitura de Porto Franco - Espaço Cultural Waldemar Gomes Pereira	59
Figura 24- Foto do Livro - Igreja Imaculada Conceição	61
Figura 25 - Foto do Livro - Altar da Igreja	61
Figura 26 - Foto do Livro - Padres e Bispos da cidade de Porto Franco	62
Figura 27 - Foto do Livro - Turma professora Maria Cardoso (1947)	63
Figura 28- Foto do Livro - Concluintes do Pré-Primário (1964)	63
Figura 29 – Foto do Livro - Loja Maçônica "Tiradentes"	64
Figura 30 - Foto da Autora - Frente da Matriz Nossa Senhora da Imaculada Conceição	67
Figura 31 - Foto da Autora - Interior da Igreja Nossa Senhora de Fátima	67
Figura 32 - Foto da Autora - Festejo de Nossa Senhora de Fátima	68
Figura 33 - Foto da Autora - Beira Rio de Porto Franco a Noite	69
Figura 34- Foto do Livro - Colégio Dom Orione	70
Figura 35 - Foto do Livro - Ponto sobre o Rio Tocantins - Estreito	73
Figura 36 - Foto do Livro - João Carlos Hass Sobrinho	74
Figura 37 - Foto do Livro - Inauguração de duas ruas principais em Porto Franco, 07 de Setembro de 1953	77
Figura 38- Foto do Livro - Rua Custódio Barbosa	77
Figura 39 - Foto do Livro - Cerimônia de Inauguração do Mercado Municipal (1952)	78
Figura 40 - Foto do Livro - Detalhe do velho mercado, demolido na gestão municipal (1977-81)	78
Figura 41 - Foto da Autora - Rua Joaquim Pereira em 2022	80
Figura 42- Foto da Autora - Rua Custódio Barbosa em 2022	80
Figura 43 - Foto do Livro - Porto Franco despertando para o progresso	87
Figura 44- Foto da Autora - Vista do antigo Porto da cidade	87
Figura 45 - Foto da Autora - Ponto de venda de passagens para balsa	88

Figura 46 - Foto da Autora - Cais de Balsas e Barcos em 2022	89
Figura 47 - Foto do Livro - Waldemar e o pé de Tarumã	92
Figura 48 - Foto da Autora - Maisa e o pé de Tarumã em 2022	92

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Mandato dos Prefeitos e Vereadores de Porto Franco de 2001 a 2024

83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD - Análise de Discurso

ANTROPOS - Grupo de Pesquisa em Antropologia Social e Interseccionalidades

COVID-19 - Coronavírus

EAD - Educação a distância

EXPORFRAN - Exposição Agropecuária de Porto Franco e Região

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TSE - Tribunal Superior Eleitoral

UEMA - Universidade Estadual do Maranhão

UEMA SUL - Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

UEMANET - Universidade Estadual do Maranhão e Núcleo de Tecnologias para Educação

UFMA - Universidade Federal do Maranhão

UFNT - Universidade Federal do Norte do Tocantins

UFT - Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
PRIMEIRO CAPÍTULO: Apresentações teóricas e metodológicas da pesquisa.....	17
1.1. Uma revisão teórica sobre a metodologia Análise do Discurso.....	17
1.2 Uma revisão teórica sobre os usos da fotografia nas Ciências Sociais e na Antropologia.....	20
1.3 Revisão teórica sobre Cultura, Memória e Patrimônio.....	24
SEGUNDO CAPÍTULO - Contextualizando a obra analisada nesta pesquisa.....	29
2.1 Apresentação da cidade de Porto Franco.....	29
2.2 A árvore Tarumã.....	34
2.3 Sobre o autor: Waldemar Gomes Pereira.....	35
2.4 O livro “Meu Pé de Tarumã Florido: um retrato de Porto Franco”.....	37
2.5 Primeiras impressões sobre a obra estudada.....	40
2.6 Outras obras	40
TERCEIRO CAPÍTULO – Apresentação da obra e as análises possíveis.....	42
3.1 Meu Tarumã Florido (até a página 22).....	42
3.2 Porto Franco de Minha Infância (páginas 23 a 30).....	43
3.3 Juventude, Retalhos de Recordações (páginas 31 a 38).....	45
3.4 Cultura, Tradição e Folclore (páginas 39 a 53).....	54
3.5 A Religião sempre presente (páginas 53 a 80).....	60
3.6 Boa Vista do Padre João (páginas 81 a 88).....	68
3.7 A Literatura e as Artes (páginas 89 a 104).....	71
3.8 Integração Nacional (páginas 105 a 112).....	72
3.9 Porto Franco e a Guerrilha do Araguaia (páginas 113 a 124).....	74
3.10 Fragmentos Políticos (páginas 125 a 140).....	76
3.11 Vultos Históricos de Porto Franco (páginas 141 a 158).....	81
3.12 Os poderes Legislativo e Judiciário (páginas 159 a 172).....	82
3.13 Porto Franco, hoje (páginas 173 a 176).....	84
3.14 Desmembramentos Territoriais (páginas 177 a 186).....	85
3.15 Crônicas (páginas 187 a 192).....	86
3.16 Poesias (páginas 193 a 226).....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS.....	97

1 - INTRODUÇÃO

Este trabalho delimitou-se a estudar os processos e as dinâmicas da cultura e tradição local da cidade de Porto Franco, Maranhão. Para atingirmos este objetivo analisamos as narrativas, as imagens e as fotografias contidas no livro “Meu pé de Tarumã florido: um retrato de Porto Franco” de Waldemar Gomes Pereira, publicado no ano de 1997. Esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), portanto, é fruto da pesquisa, de mesmo título, realizada entre Setembro de 2021 e Agosto de 2022 durante a minha participação enquanto bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), sob orientação da professora Dr^a. Mariane da Silva Pisani. A pesquisa desenvolvida no PIBIC integrou o Projeto de Pesquisa “Leituras em marcadores sociais da diferença e suas interseccionalidades: questões de gênero, raça e etnicidade, corpo e sexualidades”, coordenado pela referida professora e igualmente, fez parte das atividades de pesquisa desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa em Antropologia Social e Interseccionalidades (ANTROPOS). Ou seja, a pesquisa realizada durante o PIBIC apresenta-se aqui enquanto TCC e traz seus aprofundamentos e desdobramentos.

Desde que iniciei o curso de Ciências Sociais, almejava que meu Trabalho de Conclusão de Curso apresentasse um resgate sócio-histórico através das fotografias. No início, não tinha um orientador que estudasse o tema na instituição de ensino, mas com a chegada da professora Doutora Mariane da Silva Pisani o cenário mudou e meu anseio foi possível. Ainda em 2019 cursei com a docente a disciplina Tópicos Especiais em Antropologia: Antropologia Audiovisual e nesta disciplina pude me aproximar dos usos e manejos da câmera fotográfica, bem como a importância das fotografias e filmes para a constituição das Ciências Sociais.

Na disciplina de Metodologia do Ensino de Sociologia realizada no 2º semestre de 2019, com o professor substituto Bruno Barros, egresso do curso de Ciências Sociais, concebi a existência do livro Meu Pé de Tarumã Florido. Logo que fui apresentada a obra despertei o anseio por lê-la e conhecer mais sobre minha localidade. O professor Bruno Barros não é natural de Porto Franco, mas por pertencer ao meio acadêmico e ter tido o contato em sua graduação com o livro, possibilitou a mim e outros colegas a possibilidade de conhecer esta obra, que por mais que seja local é pouco conhecida na cidade de Porto Franco. Haja vista que, cursei toda a minha educação básica na cidade e só vim tomar conhecimento do livro no ensino superior, cursado na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) de Tocantinópolis.

Em Setembro de 2021, sob orientação da professora iniciei um projeto de pesquisa no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) e assim permaneci até Agosto de 2022, com o final dos trabalhos da bolsa. Um dos resultados da pesquisa desenvolvida nesse período é este Trabalho de Conclusão de Curso.

A metodologia empregada para o desenvolvimento deste TCC foi a Análise de Discurso, definida segundo Chizzotti (2003), como a expressão escrita de um sujeito no mundo que explicita, entre outras características, sua identidade. A Análise de Discurso estuda as condições de produção do discurso em seu contexto sócio-histórico. Dessa forma, inicialmente, foi feita a análise de discurso do livro sendo que o objetivo era descrever como e em qual contexto o livro foi produzido e publicado.

Após conhecer o contexto político, econômico e cultural no qual o livro foi produzido e publicado, realizamos uma análise das fotografias contidas no mesmo. A pesquisa audiovisual constitui ponto importante do trabalho, na medida em que ajudam a complementar a compreensão da obra. Ao final na análise do conteúdo contido no livro, guardando os protocolos de biossegurança e observando o cenário estabelecido na atualidade em que a pesquisa estará sendo aplicada – Pandemia de Covid-19 -, reproduzimos algumas das imagens fotográficas contidas no livro para comparar o antes e o depois da cidade. O intuito era evidenciar as mudanças arquitetônicas, sociais e culturais da cidade de Porto Franco. A partir dessa metodologia, portanto, a investigação aqui apresentada teve por pergunta norteadora o seguinte questionamento: Como se desenvolveu e dinamizou a cultura e a tradição local do município de Porto Franco ao longo de aproximadamente 25 anos após a publicação do livro de Waldemar Gomes Pereira?

O objetivo geral desta pesquisa, portanto, foi realizar a análise de discurso do livro “Meu Pé de Tarumã Florido”, de Waldemar Gomes Pereira para evidenciar como a obra propicia, através das fotografias, o entendimento sobre os processos de desenvolvimento e dinamização da cultura e da tradição local da cidade de Porto Franco. Da mesma forma, os objetivos específicos foram: a) Aprofundar as leituras teóricas sobre o método de pesquisa Análise de Discurso; b) Resgatar leituras teóricas sobre Estudos da Imagem; c) Realizar revisão teórica sobre Cultura, Memória e Patrimônio; d) Descrever a trajetória biográfica do autor Waldemar Gomes Pereira; e) Analisar de que forma o livro “Meu Pé de Tarumã Florido”, de Waldemar Gomes Pereira, contribui para a constituição da cultura porto franquina; f) Reproduzir nos tempos atuais, se possível, as fotografias do livro “Meu Pé de

Tarumã Florido” a fim de evidenciar as mudanças arquitetônicas, sociais e culturais da cidade de Porto Franco.

No primeiro capítulo, que tem como título “Apresentações teóricas e metodológicas da pesquisa”, nos ajuda a responder a pergunta de pesquisa trazendo os aportes teóricos e metodológicos a partir da revisão bibliográfica sobre a Análise do Discurso, os usos da fotografia nas Ciências Sociais e na Antropologia e os conceitos de Cultura, Memória e Patrimônio.

Já o segundo capítulo, intitulado “Contextualizando a obra analisada nesta pesquisa”, nos ajuda a aprofundar as respostas da pergunta de pesquisa a partir das apresentações de um breve histórico da cidade de Porto Franco, da biografia do autor da obra estudada Waldemar Gomes Pereira, de um panorama mais geral sobre o livro “Meu Pé de Tarumã Florido: um retrato de Porto Franco”, e das nossas primeiras impressões sobre a obra estudada.

E por fim, no terceiro e último capítulo nomeado “Apresentação da obra e as análises possíveis a partir desta”, apresentamos a obra propriamente dita, bem como realizamos as análises possíveis do material. Esse capítulo nos ajudou a solidificar as respostas desta pesquisa. Nossa metodologia de trabalho aqui foi apresentar, capítulo a capítulo, o livro supracitado, bem como apresentar as nossas análises e sempre que possível, refazer as fotografias publicadas pelo autor em 1997, agora em um contexto dos anos de 2021 e 2022.

Dessa forma, neste último capítulo do TCC estão apresentados e analisados os seguintes capítulos do livro “Meu Pé de Tarumã Florido: um retrato de Porto Franco”: 1) Meu Tarumã Florido (até a página 22); 2) Porto Franco de Minha Infância (páginas 23 a 30); 3) Juventude, Retalhos de Recordações (páginas 31 a 38); 4) Cultura, Tradição e Folclore (páginas 39 a 53); 5) A Religião sempre presente (páginas 53 a 80); 6) Boa Vista do Padre João (páginas 81 a 88); 7) A Literatura e as Artes (páginas 89 a 104); 8) Integração Nacional (105 a 112); 9) Porto Franco e a Guerrilha do Araguaia (páginas 113 a 124); 10) Fragmentos Políticos (páginas 125 a 140); 11) Vultos Históricos de Porto Franco (páginas 141 a 158); 12) Os poderes Legislativo e Judiciário (159 a 172); 13) Porto Franco, hoje (páginas 173 a 176); 14) Desmembramentos Territoriais (páginas 177 a 186); 15) Crônicas (páginas 187 a 192); 16) Poesias (páginas 193 a 226).

PRIMEIRO CAPÍTULO: Apresentações teóricas e metodológicas da pesquisa

Este capítulo está dividido em 3 subcapítulos, sendo que cada um tem como título: 1.1. Uma revisão teórica sobre a metodologia Análise do Discurso; 1.2 Uma revisão teórica sobre os usos da fotografia nas Ciências Sociais e na Antropologia; 1.3 Revisão teórica sobre Cultura, Memória e Patrimônio. No primeiro subcapítulo iremos apresentar com base no referencial teórico escolhido uma revisão sobre como a Análise de Discurso (AD) nos ajuda a analisar a obra escolhida. É a partir da AD que poderemos compreender o contexto de produção do livro, bem como comparar o antes e o agora da cidade de Porto Franco, mostrando como ela se desenvolveu ao longo do tempo e conseqüentemente, dinamizou a cultura e a tradição local. No segundo subcapítulo iremos realizar uma revisão teórica sobre os usos da fotografia nas Ciências Sociais e na Antropologia. Este subcapítulo nos ajudará a realizar a análise e a comparação das imagens presentes no livro e as imagens registradas pela autora deste TCC. O terceiro e último subcapítulo, apresentaremos uma revisão teórica sobre os conceitos de Cultura, Memória e Patrimônio. Esta parte do trabalho nos ajudará a compreender como os conceitos de cultura, memória e patrimônio, conversam com a nossa pergunta de pesquisa, possibilitando através dos autores mobilizados conceber como se desenvolveu e dinamizou a cultura e a tradição local do município de Porto Franco ao longo de aproximadamente 25 anos após a publicação do livro de Waldemar Gomes Pereira.

1.1. Uma revisão teórica sobre a metodologia Análise do Discurso

Por Análise do Discurso compreendemos uma das formas de estudar o uso da linguagem, seja ela falada e/ou escrita, que procura identificar os processos pelos quais as pessoas dão forma discursiva às interações sociais, produzindo sentidos às ações nos diferentes contextos sociais, culturais, políticos e econômicos em que vivem. Ou seja, a Análise do Discurso é uma metodologia do campo da linguística que tem por objetivo analisar as estruturas de um texto e a partir dessas análises delinear as construções ideológicas presentes no mesmo. Escolhemos a Análise do Discurso com uma das metodologias desta pesquisa uma vez que estamos trabalhando com um livro de memórias intitulado “Meu pé de Taramã florido: um retrato de Porto Franco”, do autor Waldemar Gomes Pereira.

Chizzotti (2003) define AD como a possibilidade de explicitar as identidades e as expressões de um sujeito, ou de um grupo, no mundo. Desse modo, a Análise de Discurso estuda as condições de produção do discurso em seu contexto sócio-histórico, analisando as

produções de sentido na relação entre língua, o sujeito e a história, efeito de sentido que ocorre entre interlocutores. Dessa forma, por discurso compreendemos as construções linguísticas que estão, necessariamente, atreladas aos contextos sociais no qual o texto é desenvolvido. Ou seja, os discursos contidos no livro “Meu pé de Tarumã florido” apresentam traços importantes, a partir da ótica do autor que idealiza e escreve o livro, sobre a cultura, a economia, a política, a religião e a sociedade porto franquina. O que queremos dizer é que as ideologias presentes em “Meu pé de Tarumã Florido” são diretamente determinadas pelo contexto em que vive o seu autor, Waldemar Gomes Pereira.

Outro autor que nos ajuda a compreender, de maneira mais aprofundada, a metodologia Análise do Discurso é o Michael Foucault que

Descreveu a Ordem do Discurso como uma construção de características sociais. A sociedade que promove o contexto do discurso analisado é a base de toda a estrutura do texto, atrelando, deste modo, todo e qualquer elemento que possa fazer parte do sentido do discurso. O texto só pode assim ser chamado se o seu receptor for capaz de compreender o seu sentido, e isto cabe ao autor do texto e à atenção que o mesmo der ao contexto da construção de seu discurso. É a relação básica para a existência da comunicação verbal: emissão – recepção – compreensão (PORTO, 2022, homepage).

Para explicitar melhor a nossa compreensão sobre a metodologia Análise do Discurso é necessário compreender que, “discurso é uma unidade linguística constituída de uma sucessão de frases” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 168). Tanto a comunicação verbal quanto os textos, que são objetos de investigação da Análise do Discurso, são compostos pela linguagem e esta pode ser compreendida como um ou mais sistemas, que podem ser falados, escritos ou constituídos por outros signos, através do qual os seres humanos se comunicam entre si, expõem suas ideias e sentimentos.

Segundo Michel Pêcheux (1995), a linguagem é comum em caráter nacional. Contudo, discordamos em partes do autor na medida em que lembramos da existência de diferentes linguagens dentro de um mesmo país. No caso do Brasil a língua oficial é o Português, mas segundo a Agência Brasil (2014) existem mais sete idiomas superam a marca de 50 mil falantes: guajajara (9,5 mil), sateré-mawé (8,9 mil), terena (8,2 mil), nheengatu ou língua geral amazônica (7,2 mil), tukano (7,1 mil), kayapó (6,2 mil) e makuxi (5,8 mil). Pêcheux nos fala ainda que os diferentes vínculos que os sujeitos estabelecem com os processos influenciam e alteram as formas e usos da linguagem e conseqüentemente as produções de discurso. Nesse sentido, observamos que o discurso é constituído de maneira individual a partir dos contextos sociais, políticos e históricos de cada sujeito. Ou seja, o que estamos dizendo é que

As formas de se construir um discurso estão relacionadas ao sujeito e a situação em que ele se encontra, levando-se em consideração tanto o contexto imediato como o contexto sócio-histórico e ideológico. Isto é, considerando a formação discursiva do sujeito. Além disso, deve-se pensar o lugar que esse sujeito ocupa, a imagem da sua posição social no discurso constituída pela sociedade. (...) As relações de força também fazem parte do modo como as produções de discurso se estabelecem (...) o lugar social do qual falamos marca o discurso com a força da locução que este lugar representa (CARMO, MELIAN, 2018, p.2).

Dessa forma, para Pêcheux e também para Carmo e Melian, os sujeitos são produtores de seus discursos, ou seja, apresentam em sua fala partes da sua formação e constituição ideológica. Cada discursividade é individual, ao passo que, as mesmas palavras e expressões, mudam de sentido de acordo com as formações de cada indivíduo.

Pêcheux (1995) escreve ainda sobre as “formações imaginárias”. Estas são regiões no interior dos processos discursivos em que podemos identificar as imagens criadas pelos sujeitos a respeito de algum elemento. Essas imagens são produzidas e possuem contextos que orientam sua produção. Ou seja, as escolhas de determinadas palavras, em detrimento de outras, ajudam a identificar os sentidos sócio-históricos daqueles que a empregam. Dessa forma, os discursos resultam em processos de sentidos e percepções de mundo. Não obstante, como o discurso não é único, ele pode determinar diferentes representações.

Nestas circunstâncias concebemos que o discurso é produzido:

[...] sob a evidência de que "eu sou realmente eu" (com meu nome, minha família, meus amigos, minhas lembranças, minhas "idéias", minhas intenções e meus compromissos), há o processo da interpelação-identificação que produz o sujeito no lugar deixado vazio: "aquele que...", isto é, X, o quidam que se achará aí; e isso sob diversas formas, impostas pelas "relações sociais jurídico-ideológicas "[...](PÊCHEUX, 1995. p.159).

Conceber como estas relações sociais, entre sentidos e percepções de mundo e sujeitos, vão se estabelecendo no discurso perpassa processos sócio-históricos, ideológicos e políticos. E dessa forma, esses elementos quando presentes nos discursos ajudam a evidenciar quem é o sujeito. Ser capaz de compreender e classificar os tipos de discursos produzidos pelos sujeitos é essencial para a análise de discurso, dessa forma os autores Charaudeau e Maingueneau (2004) nos falam que:

Uma das tarefas essenciais da análise do discurso é classificar os discursos produzidos numa sociedade. Como componentes de sua competência comunicativa, os locutores dispõem de tipologias, adquiridas por contato ou por ensino explícito, necessárias para compreender ou produzir textos, mas, também, para circular na sociedade (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004. p.468).

É preciso lembrar ainda que “o discurso é assumido em um interdiscurso”, ou seja, a fala não assume sentido em si próprio, na verdade ela é interpretada em relação a outras, considerando que sua interpretação é de modo que seu enunciado se relaciona com outros. Cada gênero de discurso gera múltiplos interdiscursos, ou seja, múltiplas relações em que é retomado ou completado por demais. A Análise do Discurso, portanto, remete ao estudo das condições de produção dos referidos, compreendendo que é preciso olhá-lo a partir da perspectiva de que sua estruturação precisa ser contextualizada em um cenário social e cultural mais amplo.

Por fim, a metodologia de Análise de Discurso nos ajuda a compreender em que contexto sócio-histórico o livro “Meu Pé de Tarumã Florido”, foi produzido haja vista que, as expressões do autor Waldemar Pereira, nos ajudam a configurar interdiscursos possibilitando analisar como o contexto social, bem como o cultural impacta na vida do autor. Não obstante, nos atentamos em como os discursos ideológicos apresentados na obra por Waldemar Pereira conversam com os produzidos atualmente e apresentados no TCC.

1.2 Uma revisão teórica sobre os usos da fotografia nas Ciências Sociais e na Antropologia

Segundo o Dicionário Etimológico (2008) a palavra “Fotografia” tem origem grega é formada pela junção de dois elementos: phos ou photo, que significa “luz” e graphein, que significa “marcar”, “desenhar” ou “registrar”. De acordo com este, a fotografia trata-se de uma técnica de criação de imagens baseadas na captura e exposição através de uma lente sensível própria.

Nas Ciências Sociais, sobretudo na Antropologia, os usos das fotografias são vastamente conhecidos. Desde os primeiros antropólogos como, por exemplo, Bronislaw Malinowski, essa metodologia é utilizada. Compreendemos que a fotografia é um método de pesquisa que permite ao pesquisador ver e rever tantas vezes quanto possível as cenas capturadas durante a pesquisa. As fotografias são, portanto, mais que meras ilustrações ou figuras, elas são a “prova” ou retrato dos momentos em que “estivemos lá”, realizando o trabalho de campo.

Dito isso, Ferraz e Mendonça (2014), determina que:

O uso da imagem na pesquisa e no ensino em Ciências Humanas, longe de constituir só uma estratégia de captação de dados e ilustração do contexto de pesquisa, tem efeitos na construção conceitual, metodológica e interpretação da realidade social (FERRAZ; MENDONÇA, 2014. p. 249).

A pesquisa audiovisual constitui um ponto importante deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), na medida em que ajudam a complementar a compreensão da obra. A pesquisa

audiovisual é um ramo da antropologia cultural que se dedica ao estudo de imagens, fotografias e cinemas. Segundo Ferraz, a pesquisa audiovisual não possui os mesmos códigos que a antropologia escrita, desse modo, é preciso compreender que é necessário uma formação para que se possa entender a leitura de imagens e linguagens fotográficas ou cinematográficas, existem técnicas específicas para cada uma (FERRAZ, 2014).

Em campo, é necessário ter conhecimento destas normas técnicas e linguagens que possam ser produzidas através das imagens capturadas. Ao sair para registrar algumas imagens em um primeiro momento, foi possível perceber o quão é difícil pôr em prática e saber qual é o melhor click, ou qual é o melhor ângulo. A pesquisa audiovisual, não se trata apenas de registrar fotografias ou filmes, mas sim, de trabalhar com um conteúdo que estabelece significados dentro da antropologia e que possam trazer cientificidade à pesquisa.

Desse modo precisamos compreender que:

A fotografia, pela própria natureza, é "do" passado. Contudo, também é do presente. Ela preserva um fragmento do passado que é transportado em aparente totalidade para o presente. O "lá e então" transforma-se no "aqui e agora" (Barthes 1977:44). (EDWARDS, 1996, p.16).

Segundo Elizabeth Edwards, o imediatismo e o realismo através da fotografia difere esta de outros mecanismos que nos dão acesso ao passado, haja vista que o fragmento a ser preservado, se preservar no presente, dessa forma, Edwards (1996) cita que, "a fotografia repete mecanicamente aquilo que jamais poderá ser repetido existencialmente". A relação atemporal possibilita que análises feitas através das fotografias se perpetuem em diferentes tempos etnográficos. A fotografia tem o poder de isolar um único fato histórico, captando fragmentos e tornando-os invisíveis em visíveis.

Não obstante, devemos ter cuidado com a subjetividade que as fotografias possuem:

A câmara se torna cada vez menor, cada vez mais apta a fixar imagens efêmeras e secretas, cujo efeito de choque paralisa o mecanismo associativo do espectador. Aqui deve intervir a legenda, introduzida pela fotografia para favorecer a literalização de todas as relações da vida e sem a qual qualquer construção fotográfica corre o risco de permanecer vaga e aproximativa (BENJAMIN, 1987. p.107).

Para Walter Benjamin (1987), para que a fotografia seja usada pela ciência é necessário que ela possua cientificidade, a legenda nessas circunstâncias atua como um auxílio para que não ocorra o risco de uma interpretação equivocada sobre o que está registrado. Sabemos que a fotografia é subjetiva e que sua interpretação condiz com o discurso de quem a observa e por isso, a legenda possibilita com que mesmo anos após seu registro, suas verdades e autenticidades sejam possivelmente associadas.

De acordo com Sylvia Cauby Novaes (2008), os sentidos e interpretações da imagem dependem daqueles que precedem, nestas circunstâncias:

Se o sentido do texto nos dá a impressão de ser único e fixo (embora seja, também ele, passível de várias leituras) e capaz de abstrações e generalizações, imagens têm uma natureza paradoxal: por um lado, estão eternamente ligadas a seu referente concreto, por outro, são passíveis de inúmeras “leituras”, dependendo de quem é o receptor (CAUBY NOVAES, 2008. p.457).

Para a mesma, na antropologia, a dualidade encontrada entre imagem começa a superar a sua associação com natureza e cultura, uma vez que a partir da associação é possível visualizar a importância das pesquisas em relação à memória nas sociedades sem escrita. Ademais, Cauby Novaes (2008), explicita que as “imagens não reproduzem o real, elas o representam ou o rerepresentam.” Ou seja, o seu estudo em pesquisas, possibilitam estudar fragmentos do passado no presente, o resgate cultural promovido com o auxílio das fotografias, viabilizar rememorar traços de culturas esquecidas, ou que não existam mais.

Contudo, Cauby Novaes (2008), alerta que “o antropólogo que trabalha com imagens detém menos controle sobre as possibilidades de leitura que suas imagens trazem ao receptor”, uma vez que é possível que haja a distração do receptor sobre os objetos trazidos pelo autor. Um exemplo trazido pela autora é o filme de Jean Rouch, que é considerado o pai da etnoficção, *Les maîtres fous* (1955). Em seu filme é apresentado rituais de possessão estas cenas causam nos espectadores um grande impacto fazendo com que muitos ignorem o texto narrado ao decorrer do filme.

A Fabiene Gama (2009) também reflete esse pensamento, apresentando que as fotografias podem ser usadas para a construção de novas realidades, estas subjetivas, uma vez que, através delas é possível realizar leituras e interpretações.

Hoje, seria impossível pensarmos em uma leitura imagética como se fosse equivalente a uma leitura de documentos escritos. Entretanto, devemos entender as imagens como uma espécie de representação que ‘fala’, ou seja, que contém informações objetivas e subjetivas que, por sua vez, são interpretadas por um leitor. Nesse sentido, a fotografia – assim como documentos verbais – não são verdades dadas, mas representações construídas [...] (GAMA, 2009. p. 10).

Para Gama (2009) o uso das legendas em fotografias é de suma importância, haja vista que, a “recepção da fotografia nem sempre está sob controle do autor”. Podemos compreender que as fotografias, bem como as memórias, são fragmentos da realidade e estas podem ser interpretadas de encontro com os interesses e as subjetividades dos leitores.

Outro teórico, John Collier (1973), escreve sobre como transformar o conteúdo das fotografias em dados estatísticos verbalizando as e as convertendo para se tornar um conjunto verbal de dados e conclusão. Ele bem como os outros autores apresentados evidencia que a utilização de imagens não significa rejeitar textos, considerando que imagens também compõem o mesmo. Na pesquisa as capturas de imagens se tornam importantes ao passo que, as análises fotográficas podem alterar nossas conclusões, o que não é possível apenas com as anotações, já que não existe a possibilidade de corrigir nossas impressões.

Em campo devemos, segundo John Collier (1973), devemos ter o cuidado e saber que imagem capturar, considerando que a seletividade proporciona pontos palpáveis. O que não é possível com um grande volume de material. O processo de análise vem da experiência prática, isso porque a transposição do conteúdo é fundamental. Esse processo se torna fundamental, ao ponto que, a utilização segura dos dados estabelece os níveis de conteúdos o tratando palpável.

Para finalizar Collier (1973), nos propõe compreender que a utilização do trabalho de campo com o emprego das fotografias trás ao antropólogo novas impressões autênticas que podem gerar a compreensão, sem ao menos voltar ao campo de pesquisa. Nestas circunstâncias, a função do arquivo fotográfico é manter viva a cultura para que possa ser imaginado circunstâncias reais ao utilizar essas referências visuais. O texto verbal ele pode ser relativo e abstrato, por mais que esteja ali escrito, com o passar dos anos as interpretações elas podem mudar, as fotografias, por sua vez, apresentam a realidade e retratadas de forma científica preservam aquele momento e cultura.

Através dos autores apresentamos em síntese que o uso da fotografia nas Ciências Sociais e na Antropologia é de grande importância, haja vista o seu caráter de repetição. Dessa forma, o uso das fotografias deve ser visto ao lado de texto/legendas, na hipótese de que, textos com caráter antropológicos possibilitam a análise crítica científica da imagem, o que resultará na legitimidade do trabalho, o texto por sua vez não expressa valor maior que as representações encontradas na imagem, ele atua como seu complemento viabilizando uma interpretação próxima à apresentada pelo autor.

Na análise do livro “Meu Pé de Tarumã Florido”, o uso das fotografias nos auxiliam a compreender como os cenários sociais mudaram com o passar do tempo. As imagens já presentes na estrutura do livro funcionaram como comparativo, haja vista que, elas representam nosso passado, mas expressavam o presente do autor na publicação do livro (1977). Enquanto, as imagens atuais produzidas em 2022, demonstra o presente da autora do TCC. Nosso objetivo com base nos autores da antropologia visual, é evidenciar como essas

mudanças se diferem das fotografias do passado, além de preservar novos registros fotográfico de algumas das fotos presentes no livro, a fim de garantir que esse trabalho possibilite o que o “hoje”, seja palpável em uma posterioridade.

1.3 Revisão teórica sobre Cultura, Memória e Patrimônio

Mesmo com o passar dos anos, o indivíduo através da memória é capaz de resgatar em suas lembranças e sua história vivida, ainda as mudanças provocadas pelo tempo, lembranças boas e ruins são guardadas, ao passo que se misturam com costumes novos e antigos. Para compreender o que apresentaremos inicialmente é preciso que se entenda o que é memória e conheçamos a distinção entre memória coletiva e memória individual.

[...] A memória individual pode ser entendida, então, como um ponto de convergência de diferentes influências sociais e como uma forma particular das articulações das mesmas. (...) Na memória coletiva o passado é permanentemente reconstruído e vivificado enquanto é resignificado. Neste sentido, a memória coletiva pode ser entendida como uma forma de história vivente. A memória coletiva vive, sobretudo, na tradição, que é o quadro mais amplo onde seus conteúdos se atualizam e se articulam entre si. (SCHMIDT, MAHFOUD, 1993. p. 292)

Schmidt e Mahfoud escrevem com base nas teorias de Halbwachs e para ele "indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência; a memória é sempre construída em grupo, mas é também, sempre, um trabalho do sujeito." (p.288). Nestas circunstâncias apontamos que a memória individual e a memória coletiva conversam e se complementam entre si, uma vez que o indivíduo está inserido em um coletivo, mas não está isento de suas particularidades. Haja vista que, para Halbwachs (1990), a lembrança não se constrói sem memórias coletivas, ao passo que, as recordações pessoais são de imagens coletivas.

A memória coletiva, é permanente ao pressuposto que o passado continuava a ser reconstruído ao mesmo tempo em que resignificado, devemos compreender, portanto que, para entendermos a memória coletiva devemos entender que ela vive na tradição, trabalharemos aqui com o conceito de tradição inventada, que se entende:

Por "tradição inventada" entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado [...] (HOBBSAWM, RANGER, 1997, p. 9).

Para Hobsbawm e Ranger, a tradição inventada é o resultado da repetição automática de normas e valores, essa repetição, segundo tal não deve ser fundida com

“costumes”, haja vista que os costumes mudam constantemente, mas a tradição não, a tradição pode ser um conjunto de costumes, mas um costume só, não é tradição. Precisa-se de um conjunto de valores de modo ritual e simbólicos que por hora, se repetem automaticamente. Não obstante, Halbwachs (2006, p. 87) escreve que, alguns costumes permanecem e são de suma importância, para os mais velhos, costumes que ficam na memória do indivíduo e são passados de geração em geração, isso posto o autor cita:

O passado deixou na sociedade de hoje muitos vestígios, as vezes visíveis, e que também percebemos nas expressões das imagens, nos aspectos dos lugares e até nos modos de pensar e de sentir, inconscientemente pensado e reproduzido por tais pessoas e tais ambientes. [...] essas influências acabam fazendo parte da característica do indivíduo, e esses costumes vão ficar guardados na memória do indivíduo que vai passar para as futuras gerações (HALBWACHS, 2006, p. 87).

O passado é responsável por muito dos vestígios que temos hoje, para Halbwachs (2006), nestas circunstâncias, os aspectos dos lugares são guardados como imagens no inconsciente. Ademais, através das tradições são criados os bens culturais, definido pelo Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI): “[...]Na Resolução no 1 de 2006, os bens culturais de natureza imaterial são as “criações culturais de caráter dinâmico e processual, fundadas na tradição e manifestadas por indivíduos ou grupos de indivíduos, como expressão de sua identidade cultural e social” (Corá, 2013. p. 3).

Corá (2013) descreve que, a capacidade de mudar, se adaptar e construir novos significados é uma das características mais importantes do patrimônio imaterial, haja vista que cada bem cultural possui significados simbólicos em diferentes demandas e ambientes, de acordo com a interação dos atores. Entende-se por patrimônio cultural imaterial segundo a UNESCO (2003):

Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e a criatividade humana. (UNESCO, 2003)

Compreendemos, portanto, através de Corá (2013) que a preservação dos “bens imateriais é diferente dos bens materiais”, isso porque os bens materiais, podem sofrer por reformas e restauros, contudo para que os bens culturais sejam preservados é preciso que os mais velhos “detentores do saber”, transmitam seus conhecimentos às novas gerações, possibilitando que estes se apropriem, o que garantirá a continuidade da prática cultura.

Pelegrini e Funari (2011) escrevem sobre como os lugares merecem ser preservados, esta preservação garantirá elo entre as gerações. À vista disso, é necessário que essa

preservação aconteça devido às modificações e alterações sofridas pelos conceitos de cultura e patrimônio. Estas transformações ocorrem articuladas com a forma de convívio social, haja vista que, as culturas mudam e reagem à existência humana.

A valorização do patrimônio cultural e a necessidade da reabilitação dos centros históricos, na atualidade, constituem premissas básicas dos debates sobre o desenvolvimento sustentável, uma vez que a reabilitação dessas áreas e o reconhecimento dos bens culturais materiais e imateriais das populações residentes podem potencializar a identidade coletiva dos povos, contribuir para o seu desenvolvimento econômico e social, otimizar os custos financeiros ambientais do desenvolvimento por meio do aproveitamento da infra-estrutura das áreas centrais e do incremento do turismo responsável, ou seja, de atividades que contemplam o lazer cultural, mas se distanciam do usufruto massificado do espaço e de meio ambiente (Pelegri, 2006). (PELEGRINI, FUNARI, 2011. p. 71).

Para Carlos Lemos, o Patrimônio Cultural de uma sociedade e/ou região é bastante diversificado, isso porque o mesmo sofre modificações e alterações permanentemente com o passar dos anos (LEMOS, 2010), bem como compreendemos por Pelegri e Funari (2011). Não obstante, estas modificações ocorrem porque traços, tradições e vestígios da cultura são guardados somente na memória (LEMOS, 2010).

O uso da pesquisa visual nesse contexto possui um papel importante no resgate dos patrimônios. Ainda nesse sentido, o autor cita que “existiram, como sabemos, os chamados “gabinetes de curiosidades” guardando as coisas mais disparatadas. Essa guarda de bens em geral nunca se ateve, porém, à preocupação de registrar estágios culturais já ultrapassados de toda uma comunidade” (LEMOS, 2010, p.21).

Estes bens guardados não representam a sociedade cultural como um todo, haja vista que, geralmente os objetos que são guardados representam classes sociais de pessoas com mais poder aquisitivo e detentoras de mais poderes políticos. Desse modo, para o autor os edifícios, artefatos e construções históricas, preservadas representam em partes nosso passado, contudo também trazem uma visão distorcida da memória coletiva, considerando que, uma parte mínima da sociedade pertenceu a esse cotidiano passado preservado.

Segundo Roque Laraia, "existe uma grande diversidade cultural localizada em um mesmo tipo de ambiente físico" (LARAIA, 2009, p.12). Diante dessa citação, compreendemos que é errôneo acreditar que os patrimônios materiais guardados e preservados representem a sociedade como um todo. Dito isso, Laraia diz que, “o homem é resultado do seu meio cultural”, compreendemos ainda que, ao longo de sua vida, o homem acumula as experiências vividas por suas gerações anteriores e modifica conforme a sua

realidade. Dessa forma, não somos “produto da ação isolada” como aponta o autor, mas sim, resultado da influência geográfica sobre os fatores culturais.

Não obstante Maria Eunice Maciel (2006), escreve sobre a importância do processo de patrimonialização, processo esse que auxilia e protege nossa memória futura do esquecimento, guardando traços de nossas identidades, recolhendo elementos culturais que façam parte e representam grupos, que antes eram despercebidos. Esse processo de modo geral, visa buscar elementos esquecidos no passado, que possuam características importantes dentro de uma comunidade e que façam parte de sua tradição. Isto posto a autora cita:

No entanto, o uso do termo tradição requer alguns cuidados, pois ele pressupõe uma relação entre o passado e o presente. Cabe observar que muito frequentemente a tradição é considerada uma "sobrevivência do passado", intocada e transmitida de geração em geração. A tradição é pensada como algo que mantém a permanência do passado no tempo presente, ela supostamente se conserva no tempo, ou seja, ajuda a manter as configurações sociais e culturais idênticas a um modelo original criado num momento distante (MACIEL, 2006, p.95).

Por influência dos autores, percebemos que por muitos anos as culturas e as tradições lembradas e preservadas, eram aquelas provenientes da sociedade burguesa. Com o passar dos anos, observamos a importância da preservação de patrimônios (materiais ou imateriais), ou seja, patrimônios provenientes de outras classes sociais. Esses patrimônios não precisam ter valor monetário, mas sim cultural. Logo estes objetos e memórias compreendem as tradições descritas por Maciel (2006) e nos fazem visualizar que as tradições devem ser preservadas para que futuramente sejam lembradas.

Todavia a memória tinha um papel considerável no mundo social, no mundo cultural e no mundo escolástico e, bem entendido, nas formas elementares da historiografia. [...] nestes tempos, o escrito desenvolve-se a par do oral e, pelo menos no grupo dos clérigos e literatos, há um equilíbrio entre memória escrita, intensificando-se o recurso ao escrito como suporte da memória. (LE GOFF, 2003, p. 444 e 445).

A partir dessas teorias e em relação ao livro “Meu Pé de Tarumã Florido”, percebemos que o seu estudo possibilita a compreensão de partes da cultura e da tradição porto franquina. Da mesma forma, esse estudo ajuda na preservação das nossas memórias através do patrimônio escrito dentre suas páginas e através das fotografias presentes na obra, as quais retratam em suas apresentações tal como se vivia o dia-a-dia dos moradores. Dessa forma, os registros visuais contidos no livro analisados viabilizam a eternização das nossas memórias, ao longo das gerações.

É inegável que com a dinamização da sociedade, o ser humano passa a construir suas próprias idealizações, não obstante estas são resultado do seu meio cultural e social, são

experiências vividas ao longo da vida que tornam o indivíduo. Através de Le Goff (2003), compreendemos que a memória é constituída de funções, informações, além de impressões que expressam nosso passado. Como vimos anteriormente, as imagens podem ser interpretadas de acordo com as memórias de quem analisa, mas de alguma forma o registro fotográfico ajuda a eternizar os momentos vividos.

SEGUNDO CAPÍTULO - Contextualizando a obra analisada nesta pesquisa

Neste capítulo iremos contextualizar a obra analisada neste TCC. No primeiro subcapítulo que se intitula 2.1 Apresentação da cidade de Porto Franco, apresentaremos de maneira breve partes da história e da localização da cidade supracitada. No segundo subcapítulo 2.2 A árvore Tarumã, descreveremos sobre a árvore Tarumã, bem como suas características e funções. No subcapítulo, 2.3 Sobre o autor: Waldemar Gomes Pereira, destacamos e aprofundamos questões sobre a biografia do autor do livro “Meu Pé de Tarumã Florido”. No quarto subcapítulo, 2.4 O livro “Meu Pé de Tarumã Florido: um retrato de Porto Franco”, faremos uma apresentação ainda que inicial da obra, da mesma forma mostraremos como o livro está dividido e sobre o que o mesmo fala. Em seguida no quinto subcapítulo, 2.5 Primeiras impressões sobre a obra estudada, apresentaremos nossas primeiras impressões sobre a obra analisada. No sexto e último subcapítulo, 2.6 Outras obras, será apresentado uma monografia com temática semelhante a nossa.

O segundo capítulo de modo geral, nos ajuda a responder a pergunta de pesquisa: Como se desenvolveu e dinamizou a cultura e a tradição local do município de Porto Franco ao longo de aproximadamente 25 anos após a publicação do livro de Waldemar Gomes Pereira? Sobretudo porque a contextualização da obra “Meu Pé de Tarumã Florido”, bem como a apresentação da cidade e do autor Waldemar, possibilita nos situarmos na realidade social da qual o autor fez parte, bem como, quem foi o autor. Além disso, ao encontrar uma Monografia semelhante à nossa possibilitou percebemos que o anseio pelo resgate da Cultura, do Patrimônio e da Memória de Porto Franco, que nos ajudam a compreender como ocorreram estas transformações ao longo dos anos é de suma importância da história da cidade.

2.1 Apresentação da cidade de Porto Franco

Porto Franco é um município nordestino do sul do estado do Maranhão, que tem sua população estimada em 24.294 habitantes (IBGE, 2021). A cidade é banhada pelo Rio Tocantins e da mesma forma é cortada pela Ferrovia Norte-Sul e pela BR-010 (Belém-Brasília). Segundo o Jornal o Progresso, o município por muitos anos foi conhecido como o dono dos melhores carnavais do sul do Maranhão; da mesma forma era conhecido por possuir uma população hospitaleira que gosta de receber os visitantes, a matéria publicada pelo Jornal Progresso se intitula, "Porto Franco faz, de novo, o melhor carnaval da região".

Figura 1 - Localização Geográfica da cidade de Porto Franco no estado do Maranhão.



FONTE: https://pt.wikipedia.org/wiki/Porto_Franco

Na **Figura 1**, observamos a localização geográfica da cidade de Porto Franco no estado do Maranhão. O Município Porto Franco limita-se ao Norte com o Município de Campestre do Maranhão e com o Município de Lajeado Novo, ao Sul com o Município de Estreito, ao Leste com o Município de São João do Paraíso e ao Oeste com o Município de Tocantinópolis, localizado no Estado do Tocantins.

A **Figura 2**, é uma imagem retirada da página 186 do livro, esta expressa o mapa físico do município de Porto Franco (1997). Antes de 1994 o território da cidade abrangia a cidade de Campestre do Maranhão e São João do Paraíso. Neste ano de 1994, a cidade deu início ao processo de desmembramento, sendo finalizado no ano de 1997, no mapa apresentado pelo autor Waldemar Pereira . Na **Figura 3** vemos como se encontra o território de Porto Franco no ano de 2022.

Figura 2 – Foto do Livro - Mapa físico do Município de Porto Franco (1997)



FONTE: Meu Pé de Tarumã Florido (PEREIRA, 1997,p. 186)

Figura 3 - Mapa da cidade de Porto Franco (ano de 2022)



FONTE: <https://www.mapas.com.br/brasil/maranhao/porto-franco>

Segundo Pereira, diferente de outras cidades do sul do Maranhão, como Carolina, Grajaú, Riachão, Balsas e Imperatriz, a cidade de Porto Franco não teve a mesma projeção

desenvolvimentista para o Estado, isso porque, estas cidades são economicamente e populacionalmente maiores que a cidade de Porto Franco. A cidade de Imperatriz, por exemplo, localizada a aproximadamente 100 km de Porto Franco, segundo o Portal do Governo do Estado do Maranhão, é considerada o segundo maior centro populacional do estado, perdendo apenas para a capital, São Luís.

Porto Franco, surgiu de uma vila no ano de 1855, fronteira com a cidade de Boa Vista, no estado de Goiás - atual Tocantinópolis (estado do Tocantins). O povoamento da vila é iniciado quando agricultores vindos de Boa Vista se instalaram no local às margens do rio. Entre os anos de 1858 e 1878, o aumento populacional teve um grande impulso.

Mas é no dia 2 de abril de 1919, que entra em vigor pela Lei Nº 853 e oficialmente Porto Franco passa a ser chamado de vila. Neste mesmo ano, no dia 01 de dezembro se elege o primeiro prefeito da Vila de Porto Franco, o tenente Valério Neves de Miranda, que tomou posse no dia 01 de janeiro de 1920. É posterior a essa data que Porto Franco conquista sua autonomia e é desmembrado da cidade de Imperatriz (Maranhão). Nestas circunstâncias e no dia 29 de março de 1938, pelo Decreto-Lei Nº 45, que Porto Franco foi levado à categoria de cidade.

Segundo Pereira ainda, anos depois, com o advento da Rodovia Belém-Brasília (BR-010), construída no governo do presidente Juscelino Kubitschek a partir de 1958, ocorreu um rápido crescimento tanto populacional quanto econômico. Até então, antes da rodovia, o município se concentrava às margens do rio.

Porto Franco, ainda é caracterizado pelas vizinhanças do Sul do Maranhão (Balsas, Estreito, Carolina, Porto Franco, Campestre do Maranhão, São João do Paraíso e São Pedro dos Crentes), como o povo hospitaleiro, tal como diz o hino da cidade escrito pelo autor, Waldemar Gomes Pereira e de melodia por Benedito Caxiense “Tão ditoso e hospitaleiro... Linda cidade de um porvir risonho”.

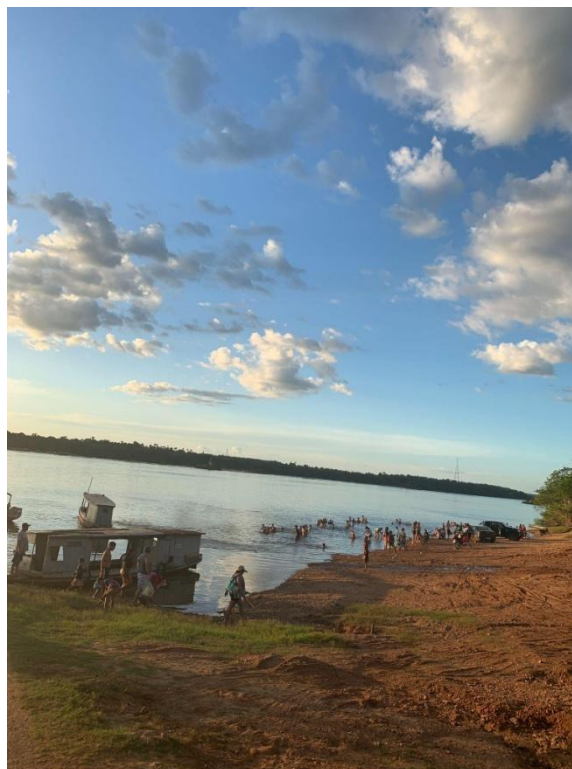
As festividades realizadas na cidade por sua vez, por conta da pandemia do Covid-19, pararam por um período de dois anos, a promessa da prefeitura a cidade, é que agora que nos aproximamos do fim da pandemia, esse ano seja possível realizar em julho de 2022 a tradicional Festa Expofran (Exposição Agropecuária de Porto Franco e Região).

Esta festa da cidade ocorre anualmente, desde o ano de 1996, sendo que sua inauguração foi em 11 de agosto deste ano. O Parque de Exposições Agropecuárias Alfredo Santos, conta com nove noites de atrações com a presença de cantores locais, regionais, como encontro de sanfoneiros e grandes nomes da música sertaneja nacional.

Além dos carnavais e da festa de Exposição Agropecuária, próximo ao final do mês de julho e agosto, aparecem às praias, na Ilha da Santa e na Ilha de Caras. Durante o período chuvoso as praias ficam submersas pelas cheias do Rio Tocantins, mas quando se aproximam do verão logo podemos vê o local, estas são duas ilhas no meio do rio Tocantins entre Tocantinópolis-TO e Porto Franco-MA.

As cidades juntas instalam bares e barracas para que os banhistas vindos das cidades e de várias cidades vizinhas possam se divertir. Durante esse período de praias que duram aproximadamente um mês, habitualmente no mês de julho são realizados festas e luaus na praia durante o período da noite e nos fins de semana à tarde. Durante o decorrer do ano, enquanto o rio ainda se encontra em nível alto por conta das chuvas, os moradores se refrescam as margens do rio, **Figura 4**.

Figura 4 - Foto da Autora - Banhistas às margens do rio Tocantins



FONTE: Maisa Marinho Dias (DIAS, Abril de 2022)

Porto Franco é uma cidade pequena do interior do Maranhão, contudo, apesar do seu tamanho e da sua quantidade populacional, Porto Franco muito se tem a ser preservada, a análise do livro bem como os registros fotográficos a serem registrados possibilitaram o resgate cultural e a preservação do hoje (2022).

2.2 A árvore Tarumã

Segundo o site Árvores do Brasil, a *Vitex Montevidensis*, popularmente chamada de Tarumã, é da família Lamiaceae. Esta é uma árvore de pequeno a médio porte, entre 8 e 15 metros de altura. Suas folhas são penta foliadas e suas flores roxas/lilás. Seu fruto redondo, 1,5 cm, é liso e preto quando maduro. Tem uma polpa branca que envolve as sementes, de sabor adocicado. Regionalmente estes são chamados de uva do cerrado ou azeitona do mato e são comestíveis pelos homens sendo colhido de janeiro a abril. Com os frutos é possível produzir vinhos e licores.

Segundo o site Colecionado Frutos, a árvore do Tarumã possui caráter ornamental, podendo ser usada para paisagismo em praças, jardins públicos e avenidas. Além de também ser muito usada em reflorestamento, haja vista que diversas espécies de animais consomem seus frutos.

Nas imagens a seguir **Figura 5**, **Figura 6**, **Figura 7**, **Figura 8**, podemos observar com detalhes quais são as características, da árvore, flores, frutos e sementes. Observamos na **Figura 5**, como a árvore é usada ornamentalmente em uma praça pública. Apresentamos estas imagens coletadas da internet, haja vista que no momento atual, a árvore em menção ao livro, localizada na beira rio da cidade de Porto Franco, não se encontra florida, tendo que, está floresce em dezembro.

Figura 5 - Árvore Tarumã



Figura 6 - Flores do Tarumã



FONTE: Figura 5 -

<https://www.campograndenews.com.br/meio-ambiente/dada-como-morta-apos-incendio-taruma-revive-em-florada-exuberante>

FONTE: Figura 6 -. <http://www.matosdecomer.com.br/2017/03/taruma-uva-do-cerrado.html>

7 - Frutos Maduros



8 - Frutos, Polpa e Sementes



FONTE: Figura 7 - <https://ciprest.blogspot.com/2018/03/taruma-do-cerrado-vitex-polygama.html>

FONTE: Figura 8 - <https://www.colecionandofrutas.com.br/vitexmontevidensis.htm>

2.3 Sobre o autor: Waldemar Gomes Pereira

Waldemar Gomes Pereira, apresentado na **Figura 9**, foi poeta, escritor, advogado, e professor, nasceu a 4 de novembro de 1929 na cidade de Porto Franco, Maranhão. É filho legítimo de Joaquim Gomes Pereira e de Adelaide Gomes Pereira. Em sua autobiografia apresentada ao final da obra “Meu Pé de Tarumã Florido”, o autor discorre sobre a infância feliz que teve durante sua morada na pequena cidade de Porto Franco. Até o 5º ano do primário seus estudos foram feitos em escolas locais. Após isso, como na cidade não havia outras alternativas para estudo, seu pai conseguiu que fosse para Belém, capital do estado do Pará, estudar em um colégio interno chamado Colégio Salesiano Nossa Senhora do Carmo. Dessa forma, entres os anos de 1945 a 1948, Pereira cursou o antigo ginásial, atual Ensino Fundamental II (6º a 9º ano).

Figura 9 - Foto do Livro - Waldemar Gomes Pereira



FONTE: Meu Pé de Tatumã Florido (PEREIRA, 1997,p. 192)

Ao voltar para sua cidade natal, na falta de oportunidades de trabalho, Pereira ajudou a fundar e passou a lecionar no Educandário Humberto de Campos. A fundação dessa escola possibilitou que as crianças da região pudessem completar o Ensino Fundamental. Posteriormente tais alunos passaram a ser admitidos no Colégio Dom Orione, na cidade vizinha, Tocantinópolis, estado do Tocantins. No ano de 1952, o autor realizou um concurso público na cidade de Balsas, também no Maranhão, tornando-se professor estadual, lotado na cidade de Porto Franco.

Em 6 de dezembro de 1953, Waldemar Pereira casou-se com Felicia dos Santos Pereira. E no ano de 1955, nasceu seu primogênito, Carlos Ermano. Nos anos seguintes teve mais 03 (três) filhos, Paulo Armando, Luís Ernani e Sílvio Elmano. Todos os seus filhos são casados e formados pela Universidade Federal de Goiás. O autor viveu quase toda sua vida na cidade de Porto Franco, sua terra natal, tendo saído apenas duas vezes: a primeira, para cursar o ginásio em Belém; a segunda, para tratar de problemas de visão na cidade de Goiânia, estado de Goiás, onde ficou de 1970 a 1979. Em Goiânia, mesmo doente, Pereira cursou técnico de Contabilidade e também se formou em Direito.

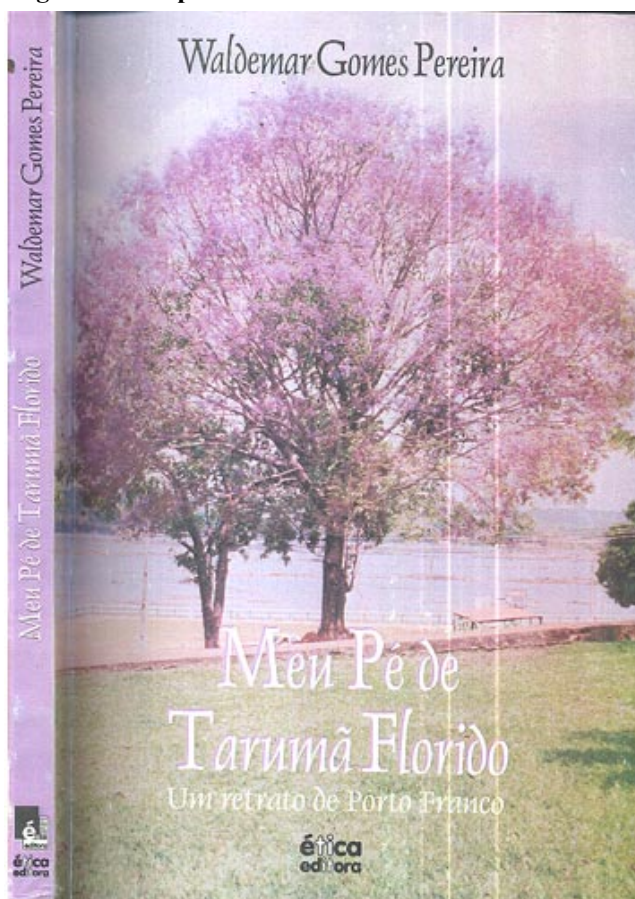
No ano de 1976, ainda morando em Goiânia, Pereira decide se candidatar à Prefeitura Municipal de Porto Franco, mas acabou perdendo o cargo para seu adversário Sr Wilson

Marinho. No dia 13 de novembro de 1997, Waldemar Gomes Pereira foi admitido como um dos fundadores da Academia Imperatrizense de Letras, ocupando a Cadeira 12 e tendo por patrono, Fortunato Moreira Neto. Entre as obras de Waldemar Pereira encontram-se os três livros “Meu Pé de Tarumã Florido”; “50 anos aos pés da imaculada”; “Retalhos d’Alma”, além de mais uma série de contos, poesias e crônicas que foram publicados nos principais jornais de circulação de nossa região.

No dia 8 de março de 2002 aos 72 anos, Waldemar Gomes Pereira falece na cidade de Imperatriz, Maranhão. Ainda em vida no ano de 2000, o autor é homenageado com a nomeação de um espaço cultural no centro da cidade de Porto Franco nomeado como “Espaço Cultural Waldemar Gomes Pereira”. O espaço ganhou esse nome em homenagem ao escritor, advogado e poeta que foi secretário de cultura do município de Porto Franco.

2.4 O livro “Meu Pé de Tarumã Florido: um retrato de Porto Franco

Figura 10 - Capa do Livro - Meu Pé de Tarumã Florido



FONTE: Meu Pé de Tarumã Florido (PEREIRA, 1997)

O livro *Meu Pé de Tarumã Florido: um retrato de Porto Franco*, **Figura 10**, é uma autobiografia de Waldemar Gomes Pereira, publicada no ano de 1997, que conta através de

textos e fotografias a passagem do tempo da cidade porto franquina, lugar onde o autor nasceu, cresceu, viveu e morreu. Na obra cada um dos capítulos trata de questões de forma breve e clara. Ou seja, o autor discorre sobre cada um dos assuntos, apresentando uma perspectiva pessoal, vivida e presenciada. É possível notar o cuidado duplo do autor que ao realizar descrições ricas em detalhes de passagens sobre a história da cidade acaba por resgatar suas próprias memórias autobiográficas. O autor apresenta, em cada capítulo, passagens de tempo que vão desde a sua infância e juventude, passando por partes da sua vida adulta, sua formação profissional, até o presente momento de escrita e publicação do livro, ano de 1997.

A obra foi publicada pela Editora Ética no ano de 1997 e possui 226 páginas. Através de seu prefácio pudemos conhecer um pouco do contexto histórico no qual o mesmo foi produzido. O livro “Meu pé de Tarumã florido” apresenta 16 capítulos **Figura 11** e **Figura 12**.

Figura 11- Sumário - Meu Pé de Tarumã Florido

Sumário	
Dedicatória.....	7
Prefácio.....	9
O Poeta e o Tarumã	12
À sombra do tarumã florido (homenagem póstuma).....	13
Agradecimento	18
Introdução.....	19
Meu Tarumã Florido	22
Porto Franco de Minha Infância.....	23
Juventude, Retalhos de Recordações	31
Cultura, Tradições, Folclore	39
Adeus, Meu Pé de Tarumã Florido	49
A Religião sempre presente	53
78 anos da presença dos capuchinhos em Porto Franco	56
A Missão Evangélica Batista Brasileira	71
Espiritismo, Maçonaria e Associações Filantrópicas	75
Boa Vista do Padre João	81
A Literatura e as Artes	89
Fortunato José Moreira Neto	92
Antônio Gomes Pereira	95
João Walcacer de Oliveira	100
Regina Bandeira de Aguiar	104
A Integração Nacional.....	105
Porto Franco e a Guerrilha do Araguaia	113
Fragmentos Políticos	125
As eleições livres	130
Vultos Históricos de Porto Franco	141
Prefeitos, vice-prefeitos, interventores e intendentes	147

FONTE: Meu Pé de Tarumã Florido (PEREIRA, 1997)

Figura 12- Sumário - Meu Pé de Tarumã Florido

Teus setenta e cinco janeiros (crônica)	149
Porto Franco perde o último de seus fundadores (crônica)	151
Demétrio de Sousa Milhomem	152
Virgolino Tavares de Vasconcelos	153
Joaquim Gomes Pereira	155
Alfredo Santos	156
Anísio Bandeira de Miranda	157
Os Poderes Legislativo e Judiciário	159
Um defensor da Lei e da Justiça	170
Gérson de Figueredo Milhomem	171
Porto Franco, hoje	173
Desmembramentos territoriais	177
São João do Paraíso	179
Campestre do Maranhão	183
Crônicas	187
Poesias	193
Autobiografia do autor	221

FONTE: Meu Pé de Tarumã Florido (PEREIRA, 1997)

Apesar de Pereira não afirmar em nenhum momento sua obra parece ter sido inspirada no livro infanto-juvenil “Meu pé de laranja lima”, de José Mauro de Vasconcelos, publicado no ano de 1968. O livro de Vasconcelos é considerado um clássico da literatura brasileira e já teve inúmeras adaptações para a televisão, o cinema e o teatro. Assim como “Meu pé de Tarumã” (1997), o livro “Meu pé de laranja lima” (1968) é uma obra autobiográfica que resgata as memórias de infância de Vasconcelos. Este autor descreve como o pé de laranja lima era considerado um amigo e confidente. Já no livro de Waldemar Gomes Pereira a árvore Tarumã também aparece como um ente próximo, uma verdadeira expectadora das transformações históricas, sociais, culturais e políticas da cidade de Porto Franco.

Segundo Carmo e Melian “as discursividades construídas acerca dos fatos sociais resultam das condições de experiências do sujeito, numa sequência de acontecimentos de um dado momento. Elas tornam-se possíveis por meio de enunciações já ditas e esquecidas anteriormente – o interdiscurso” (CARMO, MELIAN, 2018, p. 41). Dessa forma, pensamos que o livro de Waldemar Gomes Pereira pode ser considerado um interdiscurso quando posto em comparação ao livro de José Mauro de Vasconcelos. O que queremos dizer é que ambos

dividem elementos comuns em suas produções, ambos os livros são autobiográficos e possuem uma árvore (pé de laranja lima e pé de tarumã) como amigas, confidentes e espectadoras das transformações dos personagens principais.

2.5 Primeiras impressões sobre a obra estudada

A leitura crítica e sistemática da obra nos permite reviver e relembrar traços históricos que já fizeram parte da tradição local da cidade e estão, aparentemente, esquecidos por parte da população porto franquina. Alguns desses traços históricos são a culinária, as vestimentas, as religiosidades e o folclore local. Conseqüentemente, acreditamos que, o resgate histórico do passado de Porto Franco apresentado até o momento pelo livro, possibilitará que estes traços históricos, sejam revividos mesmo que não mais praticado, mas que eles permaneçam vivos culturalmente como patrimônio imaterial, daqueles que viveram ou dos que ouviram dos mais velhos.

A obra propicia aos leitores uma leitura calma e tranquila, haja vista que é um texto que usa de uma linguagem coloquial, o que ocasiona na possibilidade de que todos que sejam alfabetizados consigam realizar a leitura. Contudo, devemos ter cautela, Gilberto Velho (1981) cita que tudo o que nos parece familiar, pode e deve ser “estranhado” e até mesmo exotizado a fins de desenvolver pesquisa científica. E por isso, devemos observar com relatividade o que conhecemos, pois por mais que seja familiar um mesmo acontecimento ou fato pode ser compreendido e configurado de inúmeras formas em outras realidades sociais.

Sendo natural de Porto Franco, é necessário que neste trabalho me distancie do meu objeto de pesquisa, precisando modificar meu olhar a fim de que, passe a identificar os fatos roteiros do senso comum observando-os nos vies do conhecimento científico, para que seja possível compreender a questão problema através da perspectiva das Ciências Sociais.

Nestas circunstâncias, a leitura do livro incentiva os leitores, que são de Porto Franco, a conhecer mais sobre sua própria cultura atual e suas mudanças que ocorreram no passado, da mesma forma que apresenta às pessoas que não são de Porto Franco um panorama histórico da formação da cidade.

2.6 Outras obras

No acervo da biblioteca da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), campus de Tocantinópolis, existe um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que tem temática e objetivos semelhantes a este trabalho. O trabalho foi apresentado pela pedagoga Simone Rodrigues da Silva ao curso de Pedagogia no ano de 2018 e tem como título

“Imagens da Memória: Mudanças na paisagem urbana de Tocantinópolis”. Em seu trabalho, Simone busca construir através de fotografias a materialização das memórias das paisagens e das lembranças de alguns cenários da cidade de Tocantinópolis, no estado do Tocantins. Dessa forma, a autora busca manter viva parte da história da cidade. Seu objetivo é reconstruir um pouco do patrimônio cultural da cidade, para que sejam lembrados e novas gerações os conheçam.

TERCEIRO CAPÍTULO – Apresentação da obra e as análises possíveis

Neste capítulo iremos apresentar os assuntos e algumas fotografias de cada um dos capítulos da obra “Meu pé de Tarumã florido”. Após a apresentação faremos nossas análises a partir das teorias da Análise de Discurso, da antropologia visual sobre o uso das imagens na Antropologia e nas Ciências Sociais, bem como utilizaremos os conceitos de Cultura, Patrimônio e Memória para discutir o material apresentado. Esse capítulo é o coração deste TCC, é através deste, bem como das teorias apresentadas no capítulo 1 que responderemos nossa pergunta de pesquisa: Como se desenvolveu e dinamizou a cultura e a tradição local do município de Porto Franco ao longo de aproximadamente 25 anos após a publicação do livro de Waldemar Gomes Pereira?. A análise de capítulo a capítulo da obra, propiciará evidência de como se dinamizou cada tema dos capítulos apresentados ao longo desses anos.

3.1 *Meu Tarumã Florido (até a página 22)*

Neste primeiro capítulo o autor Waldemar Gomes Pereira apresenta um poema de autoria própria onde descreve sobre beleza do pé de Tarumã, para apresentar como a árvore era adorada pelos moradores da cidade. Nestas poucas linhas ele transcreve a saudade que lhe restava da admirável árvore, ao pressuposto que ela retrata as lembranças de seu passado. Não obstante, é possível perceber como a natureza é imutável, um dia o Pé de Tarumã tombou (de cair) . Ademais, o autor apresenta o surgimento um milagre, de suas raízes surgem dois filhos que continuaram sua história.

Meu tarumã florido

Frondoso, belo, audaz e verdejante
 Vetusta testemunha de um passado
 Colosso admirável, ermo gigante
 eras tu, tarumã idolatrado.

Roxo ou lilás, não sei, mas era linda
 aquela copa em tom de primaveras
 Oh!.. Como dói esta saudade infinda,
 deste passado cheio de quimeras.

O passaredo em ti achava teto
 Mil insetos zumbiam turbulentos
 E nós, por ti, nutríamos grande afeto
 Em tua sombra, em nossos pensamentos.

Caprichosa e imutável é a natureza
 Que um dia fez tombar teu cerne vivo,
 Nos privando de olhar tanta beleza
 Roubando-nos um símbolo tão altivo.

O milagre, entretanto, é uma vitória,
das raízes renascem dois rebentos:
Filhos teus continuam tua história
de um passado de amor, de sofrimentos.

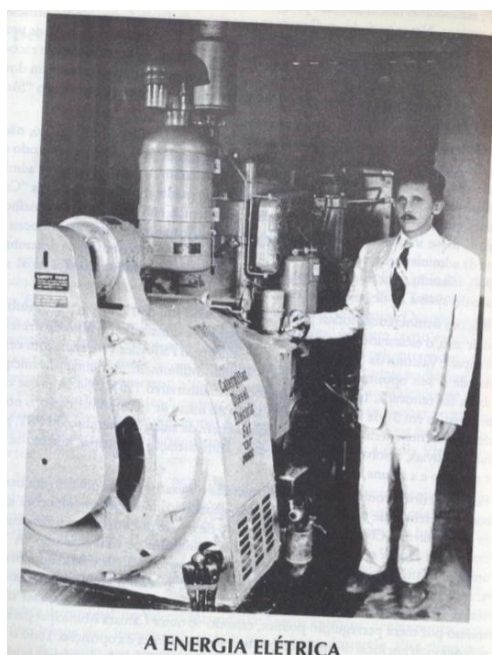
16.03.1995 - O Autor

Por mais que seja um capítulo breve de se ler, pois apresenta somente o poema “Meu Tarumã Florido”, o autor apresenta logo de início os leitores as razões pelas quais o pé de Tarumã é personagem central e importante no livro (Frandoso, belo, audaz e verdejante / Vetusta testemunha de um passado / Colosso admirável, ermo gigante / eras tu, tarumã idolatrado). Compreendemos a partir do poema, o tamanho da admiração do autor pela árvore de Tarumã e como foi lamentável a sua perda (Caprichosa e imutável é a natureza / Que um dia fez tombar teu cerne vivo / Nos privando de olhar tanta beleza / Roubando-nos um símbolo tão altivo). Contudo o autor encerra o poema mostrando que mesmo após sua queda, por conta das intempéries, o pé de Tarumã germinou e gerou dois “filhos”. Fica evidente, portanto, a importância da árvore que presenciou grande parte da história da cidade de Porto Franco.

3.2 Porto Franco de Minha Infância (páginas 23 a 30)

Neste capítulo o autor discorre sobre sua infância, durante a década de 1930 e meados da década de 1940 e sobre como ela aconteceu ao mesmo momento em que a cidade, recém-fundada em 29 de março de 1938, se desenvolvia. A escrita do autor, nesse primeiro momento é clara e concisa. Através do texto é possível visualizar as situações de descobrimentos enfrentadas pelo mesmo, como por exemplo, ver o primeiro automóvel. O primeiro automóvel visto por Waldemar Pereira foi um caminhão que chegou rompendo a mata, na época segundo o autor não existiam estradas para trafegar. Da mesma forma, o autor fala sobre a alegria de ouvir um rádio tocar bateria. Ele fala ainda sobre a vinda de luz elétrica, apresentada na **Figura 13**, para a cidade que era inicialmente produzida por um sistema de bateria e, conseqüentemente, a aparição dos primeiros eletrodomésticos, como por exemplo, a geladeira a querosene.

Figura 13 - Foto do Livro - A energia elétrica



FONTE: Meu Pé de Tarumã Florido (PEREIRA, 1997,p. 132)

O autor descreve atentamente como os moradores da cidade se entusiasmavam, festejavam, faziam aglomerações em praças públicas e soltavam fogos para prestigiar cada novidade e descobrimento que chegava em Porto Franco. Nesse capítulo ainda, o autor discorre sobre como o tempo ia passando e a cidade ia crescendo lentamente.

Pereira, fala sobre as constantes brigas políticas que ocorriam periodicamente na cidade de Tocantinópolis, estado do Tocantins, nos contando como ele via a cidade de Porto Franco ser invadida por rebeliões que se originavam em Tocantinópolis e atravessavam o rio Tocantins, a única divisa entre as cidades. O autor nos mostra como durante a Era Vargas (1930 a 1947) a situação política na região se complicou mais ainda ocasionando mais conflitos. O Padre João Lima, mais conhecido como “Padre João”, mandava na cidade de Tocantinópolis e ao ser pressionado pela oposição decide aderir ao movimento revolucionário. Segundo o autor esses foram momentos em que aconteceram muitas reviravoltas. Esse cenário de conflitos fez com que, muitos dos moradores de Tocantinópolis se refugiassem em Porto Franco. Esse é um dos momentos que a cidade cresce.

A infância do autor ocorreu há pouco mais de 90 anos, nestas circunstâncias percebemos que os tempos eram outros, onde muitas descobertas tecnológicas foram feitas. Sabemos que estes avanços tecnológicos, como o automóvel, rádio a pilha, geladeira a querosene, já existiam há décadas antes de chegar para a cidade de Porto Franco. Contudo, o

autor não indica que a chegada “tardia” desses elementos se tratava de um atraso, mas acreditamos que fosse, haja vista que, por ser uma cidade pequena do interior, os benefícios só vinham após passar pelas grandes cidades, exemplo de Imperatriz.

O capítulo aqui apresentado é empolgante de se ler. O autor consegue retratar e passar informações sobre como viveu sua infância e como está caminhando junto ao desenvolvimento da cidade de Porto Franco. Através deste capítulo foi possível compreender como o mundo em que vivemos está em constante transformação. Os cidadãos de Porto Franco, durante a infância do autor, ficavam ora encantados e ora horrorizados com as novas tecnologias.

Dessemelhante a trajetória do autor Waldemar Gomes Pereira, minha infância se passa na zona rural da cidade de Porto Franco. Nasci no ano de 2000 é por isso, muito das tecnologias que conhecemos e que o autor cita já existam, até minha chegada ao mundo. O tempo foi capaz de aperfeiçoar estas tecnologia, a exemplo de, levar luz para todos, melhorar os eletrodomésticos como a geladeira com designs inovadores, televisões com telas em super finas, visto que antes eram grandes como uma caixa.

Segundo o site Historioteca Brasil, o primeiro celular a chegar no Brasil foi um Motorola-550, no ano de 1990. Até o presente momento da publicação do livro, o autor não cita sobre a presença de celulares, supomos assim que até a presente data de 1997 eles ainda não haviam chegado na região. Com a presença das televisões em quase todas as residências, lembro-me que, mesmo antes de ter visto o primeiro celular pessoalmente, já havia visto similares em propagandas ou telenovelas, isso indica que muitos anos antes eles já estavam no Brasil, mas que sua chegada em Porto Franco foi “tardia”.

O avanço da globalização contribuiu para o desenvolvimento da tecnologia, o acesso a comunicação fez com que, nestes 25 anos após a publicação do livro, muita coisa mudasse ou se aperfeiçoasse de acordo com a necessidade do usuário. Os celulares, antes chamados de tijolão foram diminuindo de tamanho e hoje temos versões finíssimas, com telas de alta resolução e dobráveis, os automóveis que causavam espanto ao autor vê pela primeira vez atualmente, são encontrados de diversos modelos e valores, este que antes era possuído somente pela elite, hoje possuem linhas populares que ainda não possibilita que todos tenham acesso a sua compra, mas que pelo valor, a parte da população já consegue ter sua aquisição.

3.3 Juventude, Retalhos de Recordações (páginas 31 a 38)

Waldemar Gomes Pereira foi jovem durante as décadas de 1940 e 1950. Neste capítulo ele demonstra como os jovens da sua época se divertiam e o que faziam para passar o tempo.

O autor faz uma distinção muito curiosa sobre a cidade de Porto Franco era marcada por classes sociais, aqui pensadas pelo autor em três categorias: 1ª a Sociedade, ocupada por pessoas provenientes da elite econômica e intelectual; 2ª a Segunda Classe, ocupada por famílias mais pobres, mas ainda assim respeitadas e honradas; 3ª o Baixo Meretrício, esta última classe era ocupada por moças chamadas de “raparigas e os gatos”, no dicionário Aurélio, de autoria do lexicógrafo Aurélio Buarque de Holanda palavra “rapariga” está usada para ofender uma mulher, sinônimo de prostituta e os “gatos”, é uma gíria para indivíduo que realiza pequenos furtos, visto como vagabundo, gatuno ou ladrão.

A partir desta classificação feita pelo autor conseguimos identificar do livro analisado e das narrativas contidas neste que o autor fazia parte da primeira denominação: a Sociedade. Dessa forma frisamos que o autor traz em seu livro a perspectiva vista desse lugar. Esse sistema de 3 classes, segundo o autor, orientou o sistema social da época. Pereira mostra como as pessoas que eram da Sociedade promoviam bailes para a juventude e da mesma forma ele nos apresenta como ocorria essa inserção dos jovens (homens e mulheres) na Sociedade. Vale ressaltar que quando uma família menos rica prosperava, existia uma comissão especial que buscava os filhos de tais para fazer parte da Sociedade. Após esse rito realizava-se um baile no qual se apresentavam as moças que estavam adentrando na Sociedade, para que oficialmente ocorresse essa inserção.

Não havia clubes e boates na cidade até a época da juventude (1940/1950) de Waldemar Pereira, o primeiro clube de Porto Franco surgiu somente em meados das décadas de 1950/1960. Dessa forma, segundo o autor, os bailes (de debutantes, das margaridas, do chitão, entre outros) eram realizados nas casas das famílias mais abastadas que cediam o espaço gratuitamente. Os bailes marcaram época na cidade de Porto Franco e na sua vizinha, cidade de Tocantinópolis, que sempre compartilhavam presença nestas comemorações. Ademais, por mais que tivesse esse sistema social das três classes, o autor deixa claro que, “ havia muita diferença social, mas longe de ser segregação, pois todos sabiam que aquela diferença nada mais era que a força dos costumes.”(PEREIRA, 1997. p.33).

Neste capítulo, por mais que Pereira cite repetidas vezes que este sistema de classe fosse “longe da segregação social”, observamos que quando se falava da organização, produção e acontecimento dos bailes e festas, sempre nesses momentos como espaços de lazer para as pessoas da Sociedade. Da mesma forma, o autor mostra como as pessoas da Segunda Classe podiam ascender socialmente e pertencer a Sociedade. Contudo, analisamos que quem pertencia ao Baixo Meretrício não era incluído(a) nas atividades (bailes e festas) e tão pouco se socializam entre os jovens membros da Sociedade e Segunda Classe.

Penso que no contexto de Porto Franco, até os dias de hoje, existem essas classificações (talvez um pouco menos delimitadas) que indicam quem pode interagir e socializar com quem. O que quero dizer é que fazemos parte de uma sociedade repleta de desigualdades sociais, esta que é oriunda de fatores econômicos, políticos, identitários, educacionais e culturais. A falta de renda que ocasionalmente leva os indivíduos a pertencerem a classe do Baixo Meretrício, determinada pelo autor, levava tais a privação destes sujeitos a participarem de eventos culturais que eram produzidos na época.

Ademais, a adolescência do autor foi marcada ainda pelos divertimentos em “berlinda”, descrita pelo mesmo como reuniões de moças e rapazes que se juntavam na casa de famílias amigas para promoverem brincadeiras como, por exemplo, “anel misterioso”; também conhecida como passa anel, nessa brincadeira os jogadores juntam as mãos para que, um por vez, passe o anel de mão em mão deixando cair na mão de um dos participantes, ao término o passador, fala - meu anelzinho andou, andou, em qual mão ele ficou?, os participantes tentam adivinhar, quem adivinhar é o próximo a passar o anel”, “corre-corre-ora pegar; nesta brincadeira, um dos participantes é o pegador e os demais correm para não serem pegos, o primeiro a ser pego deve ser o próximo pegador e assim sucessivamente” (PEREIRA, 1997).

Além disso, os jovens da época também realizam piqueniques aos domingos ou feriados sobre a sombra de mangueiras. Todas estas festividades ocorreriam de modo recreativo na qual os jovens porto franquinos se juntavam e se organizavam. Os bailes não tinham fins lucrativos e o valor era arrecadado por “listões”, este listão eram listas, na qual os jovens anotavam os materiais e do valor necessário para realização dessas festas, este dinheiro era somente para pagar as despesas provindas do mesmo, como as bandas musicais e outras pequenas despesas que pudessem surgir.

Ao final do capítulo, o autor apresenta quatro fotografias representando a década de 1950. Através da **Figura 14** é possível observar como os porto franquinos se vestiam na época, isto é, os jovens da Sociedade. Observamos então que os homens se vestiam em trajes sociais, ou seja com terno e gravatas, enquanto as mulheres, vistas nas **Figura 15 e Figura 16**, também da Sociedade, se vestiam com vestidos longos, sem que joelhos ou ombros estivessem à mostra.

Figura 14 - Foto do Livro - Turma de Senhoritas num domingo na cidade



FONTE: Meu Pé de Tarumã Florido (PEREIRA, 1997, p. 36)

Figura 15 - Foto do Livro - Rapaziada atuante na comunidade



FONTE: Meu Pé de Tarumã Florido (PEREIRA, 1997,p. 36)

Figura 16 - Foto do Livro - Grupo de Senhoritas em um dia de festa



FONTE: Meu Pé de Tarumã Florido (PEREIRA, 1997,p. 37)

Tais vestimentas presentes nas fotografias expressam costumes de uma época e da mesma forma indicam a classe social a qual os sujeitos fotografados pertencem. As vestimentas com seus cortes, cores, moldes, tecidos e formatos exprimem costumes e tradições de uma época. E é possível perceber, e concluir, a partir das roupas que os jovens (homens e mulheres) retratados pertencem à Sociedade.

A leitura deste capítulo me fez refletir sobre a minha própria juventude que também está sendo vivida na cidade de Porto Franco, haja vista que no ano de 2022, tenho 22 anos de vida. Entendo que ainda me encontro na Juventude, por isso descrevo recordações marcadas pelo período atual. No capítulo do livro o autor escreve como se vivia juventude, se portavam e se divertiam entre a década de 1940/1950. Sabemos que atualmente a era digital muito mudou com relação a vivência em sociedade.

Sobre as vestimentas hoje não temos mais padrões tão rigidamente pré-estabelecidos como tínhamos na década de 1940/1950, dessa forma mulheres e homens se vestem como querem ou se sentem melhor. É inegável que ainda existem julgamentos partindo dos mais conservadores (sobretudo a respeito do comprimento das roupas das mulheres), mas o preconceito com o modo de se vestir já vem diminuindo bastante.

Figura 17 - Foto da Autora - Grupo de Jovens na Atualidade



FONTE: Karen Ruana Pereira Cirqueira (CIRQUEIRA, Maio de 2022)

Na **Figura 17**, observamos como os jovens da cidade de Porto Franco e Tocantinópolis se vestem na atualidade. Na fotografia é possível perceber que não existe um padrão de vestimenta, haja vista que as mulheres jovens presentes estão de saias, shorts, tops, vestidos, regatas, camisetas, tênis, sapatilhas e/ou chinelos. Ou seja, a fotografia apresenta uma diversidade de características nas vestimentas, enquanto na **Figura 14** percebemos que todas as senhoritas se vestem de maneira semelhante. Na **Figura 17**, percebemos ainda, que se encontra apenas um homem, mas se houvessem outros certamente também iríamos perceber a diversidade de vestimentas que estes usariam.

Não temos mais restrições sobre cores, cortes, tamanhos e/ou questões relacionadas às roupas. Até mesmo as Igrejas que possuem muitas restrições com relação às vestimentas, hoje estão menos rígidas. Convém destacar ainda um fenômeno da Internet, ou seja, se antigamente a moda era consumida em revista, atualmente quem dita e influencia como devemos ou não nos vestir são as blogueiras que acompanhamos nas redes sociais como, por exemplo, o *Instagram*. Não obstante segui-las ou não fica a critério de cada um. É interessante notar, portanto, que boa parte das pessoas mais jovens (entre 15 e 25 anos) consomem as dicas de moda, estilo de vida e consumo das blogueiras.

Por outro lado, as pessoas mais velha não consomem esse conteúdo e por isso criticam as vezes a roupas exageradas e coloridas que fazem parte da moda atual. Sabemos que a moda é cíclica e muito do que estamos usando hoje, no ano de 2022, fez sucesso no passado como, por exemplo, as maquiagens coloridas, os acessórios de plástico e as blusas *cropped* (bustiê) que foram verdadeiras febres nos anos 1990; as calças jeans estilo *mom* (tradução em português: mãe) que são calças mais folgadas, de cintura alta e larguinhas em seu cóis, foram muito comuns entre jovens dos anos 1980; ou ainda as calças flare (boca de sino), que foram um símbolo do movimento *hippie* dos anos 1970.

O modo de educar os(as) filhos(as) também estão menos rígidos, ou seja os pais proibem menos estes(as) de transitarem nos espaços públicos desacompanhados de adultos, dessa forma se concedem permissões para que os(as) jovens saiam a noites com amigos(as) e até mesmo para que namoram antes da maioridade. Contudo, frisamos que esse cenário não se aplica a todos os grupos familiares, ainda existem famílias muito conservadoras em seus hábitos e costumes.

Em linhas gerais, muitos dos(as) jovens porto franquinos tem seus momentos de lazer e diversão na parte da noite quando saem para bares como o “Whats Bar”, “Quintal Bar” ou “Bar do Bira”. Esses três são espaços que, a partir de Quinta-Feira, realizam shows de música ao vivo com cantores locais ou de cidades vizinhas. Na região estes shows são chamados de serestas e concentram a massa da juventude local e da cidade vizinha, Tocantinópolis. Vale ressaltar que nem todos os jovens frequentam estes estabelecimentos. Os jovens religiosos participam de festividades em suas igrejas como, por exemplo, acampamentos, grupos de jovens, entre outras atividades destinadas para eles e elas. Na fotografia **Figura 18**, vista parcial do bar do Bira em noite de show ao vivo (Seresta).

Figura 18 - Foto da Autora - Bar do Bira em noite de Seresta.



FONTE: Maisa Marinho Dias (DIAS, Abril de 2022)

Em épocas específicas existem outras festividades e eventos em que a juventude e a população em geral se divertem. É o caso do carnaval organizado anualmente nos meses de Fevereiro ou Março pela Prefeitura Municipal e que é conhecido por todo o Sul do Estado do Maranhão. Em Julho a cidade recebe uma festa agropecuária chamada de EXPOFRAN (Exposição Agropecuária de Porto Franco e Região). Da mesma forma, entre os meses de Junho, Julho, Agosto e parte de Setembro surgem as praias no rio Tocantins, que fazem sucesso tanto entre a população de Porto Franco quanto entre os moradores de Tocantinópolis.

Além dos bares, dos eventos religiosos, do carnaval, da EXPOFRAN e das praias, a cidade também conta com a presença de dois parques aquáticos, **Figura 19** e **Figura 20**. Estes, sobretudo aos finais de semana, concentram a presença de inúmeros moradores da cidade de Porto Franco e de cidades vizinhas como São João do Paraíso, Lajeado Novo, Campestre do Maranhão, Estreito e de Tocantinópolis. Os habitantes da região vem passar o dia nos parques para desfrutar das piscinas e áreas de lazer presentes nos estabelecimentos. As fotografias apresentadas dos parques aquáticos apresentam sua vista parcial, as imagens foram extraídas das redes sociais dos respectivos estabelecimentos.

Figura 19 - Foto Granvinne Club - Vista Parcial do Granvinne Club



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CH2swyvA1kM/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

Figura 20 - Foto Enkantto do Porto - Vista Parcial do Clube Enkantto do Porto



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CZrPGOnuXhh/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

É preciso dizer, por fim, que no ano de 2022, na cidade de Porto Franco, não é mais falado em sistemas de classes (Sociedade, Segunda Classe e Baixo Meretrício) como foi descrito por Pereira no livro publicado em 1997. Contudo é inegável que existem lugares de lazer e sociabilidade, como os parques aquáticos, por exemplo, que são frequentados apenas por quem tem mais poder aquisitivo. E isso, de alguma forma, estabelece limites e classes sociais bem distintas entre os moradores da região.

3.4 Cultura, Tradição e Folclore (páginas 39 a 53)

O autor inicia o capítulo fazendo uma reflexão sobre como Porto Franco é julgado como cidade sem cultura e até mesmo sem folclore quando comparada às outras cidades do estado do Maranhão. É sabido que cada povo tem e faz uso de seus hábitos e que a cultura pode ser compreendida, a partir de Roque Laraia, como:

A cultura, mais do que a herança genética, determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações. (...) A cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo. (...) Indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças linguísticas, o fato de mais imediata observação empírica (LARAIA, 2009. p.38).

Ou seja, cultura é tudo aquilo que orienta as diferenças humanas: as formas de agir, vestir, caminhar, comer, falar dentre outras. Logo todo povo possui cultura. A população porto-franquina tem raízes em costumes italianos, afrodescendentes, franceses e portugueses, todos esses são povos que desembarcaram em São Luiz, capital do Maranhão e se espalham pelo estado. Devemos também pensar na presença dos migrantes oriundos de outras regiões do país que para cá vinham na busca por uma vida melhor, isto é, em busca de um emprego ou aproxima-se da família que habitava na localidade. Todo esse conglomerado de povos ajudou a criar a cultura e a sociedade de Porto Franco.

De acordo com Pereira, com a vinda de padres católicos para a região, que tinham por objetivo catequizar os indígenas, logo se instaurou a cultura religiosa. Esta originou uma série de festividades destinadas aos santos como, por exemplo, Santo Reis, São Lázaro, São Sebastião, Santa Luiza, entre outros. Ainda segundo o autor, muitos pensam que o folclore maranhense está apenas ligado ao bumba-meu-boi. Contudo, para o autor, existem não apenas outras tradições folclóricas na cidade de Porto Franco como também figuras folclóricas, ou seja, pessoas importantes da cidade que deixaram saudade aos que os conheceram.

Entre os nomes apresentados por Waldemar Pereira está “Luizinho Guimarães”. Estes eram os mais conhecidos; “Fio de Deus”, Filho de Deus, era um velhinho, descendente de família abastada que em certa época perdeu sua fortuna e depois perdeu sua esposa e seus filhos. Após isso, o “Fio de Deus”, andava de casa em casa perambulando, como era muito querido, as pessoas pagavam aperitivos e cachaça só para ouvir seu longo e divertido agradecimento. Outro personagem trazido por Pereira é “Abares”, retratado por sua vez como um “pobre diabo”. Abares era acometido a loucura e vagou pelas ruas da cidade por muitos anos. Já “Pulu” foi um homem trabalhador, contudo o autor descreve que este quando bebia se melava (expressão regional, significa se sujava) e saía na rua a gritar: “Fio de uma égua... fio de duas égua...”. Assim completava a ladainha sucessivamente até contar “fio de duzentas éguas”. Outra personagem é “Tia Luíza Bananeira”, uma senhora “contadora de causos”. E ao final o autor traz a figura da “Ercilia Doida” está que foi uma mulher que tirava suas vestimentas dançando e cantando, ficando inteiramente pelada nas ruas.

Culturas, tradições, folclore, tipo pitorescos e fatos hilariantes, sempre temos de sobra, Basta que alguém faça despertar um pouco o passado e, resgatando-o, promova aquilo que restou de bom, para que as novas gerações possam usufruí-lo e cultivá-lo, também, pois povo que cultua seu passado, vive melhor o seu presente!” (PEREIRA, 1997. p.46).

Ao final do capítulo Pereira cita que culturas, tradições e folclores, com tipos pitorescos e hilariantes a cidade de Porto Franco possui de sobra, contudo o que falta é o resgate cultural do passado, para que as novas gerações possam reviver esses elementos no presente local. Para o autor o resgate cultural seria feito através de registros e memórias passados de geração em geração, haja vista que esse contato com recordações passadas, permitiram a eternização desses momentos descritos por nossos ancestrais.

Desse modo, ele também explica como as tradições e os costumes de um povo nunca se acabam. Eles fazem parte da lembrança popular e quando sucedem em gerações, vão fazendo parte da herança cultural. O autor finaliza o capítulo afirmando que os habitantes de Porto Franco precisam reviver suas tradições culturais. Como exemplo ele aponta a presença do teatro que existia na cidade. Este foi muito popular nos anos de 1930 a 1960 e apresentava peças que eram produzidas sem recursos algum, mas que marcaram época. Na **Figura 21**, do livro Pereira apresenta uma peça infantil, “Branca de Neve e os Sete Anões”, exibida em Porto Franco e Tocantinópolis no ano de 1953.

Figura 21 - Foto do Livro - Peça de teatro infantil "A branca de neve"



FONTE: Meu Pé de Tarumã Florido (PEREIRA, 1997,p. 47)

Ainda neste capítulo é trazido, um subcapítulo intitulado “Adeus, meu pé de tarumã querido!...” Em tal, o autor descreve o pé de tarumã como imponente e frondoso. O autor acreditava que a árvore estava fadada a marcar centenários na cidade, visto como “forte”. A árvore localizava-se às margens do Rio Tocantins e observava a entrada e a saída das embarcações. Por muitos anos a árvore foi testemunha de despedidas e de encontros, da mesma forma a árvore encantava a todos durante as primaveras quando exibia suas flores lilás.

Mesmo com seu tronco gigante seu destino estava reservado. Após a instalação de colmeias de abelha em sua copa, logo seus galhos foram ficando ocos e fragilizados. Até que durante um dia chuvoso, com raios e ventos, a árvore tombou (no sentido de cair) e se debruçou sobre o rio Tocantins, que levou parte de seus ramos. Pereira lamenta as recordações que vão com sua partida, porém visualiza a vitória da natureza quando se descobre que o velho Tarumã deixou “dois filhos”, dois brotinho, que atualmente estão a crescer também às margens do rio Tocantins. O autor acreditava que futuramente os filhos do Tarumã também presenciaram novas histórias e acontecimentos na cidade de Porto Franco. A primeira árvore

se foi, mas a saudades e lembranças de outros tempos ficaram entre os moradores porto franquinos; estes, por sua vez, vivenciaram importantes momentos sob a árvore como festividades, aventuras e namoros. A ida da árvore mostra que o tempo está passando e que a cidade consecutivamente está crescendo.

Ainda neste capítulo Waldemar Pereira nos mostra como, após a queda da velha árvore, novas relações sociais vão se estabelecendo na cidade. É desse período o desenvolvimento educacional de Porto Franco com a presença das Escola Batista e Escola Estadual Dona Regina Aguiar. Segundo o autor, com o passar dos anos, a Escola Batista fechou e o autor decidiu seguir a carreira de professor, fundando assim o Educandário Humberto de Campos. A criação do Educandário, entre os anos de 1949 e 1952, só foi possível a partir da realocação dos alunos que estavam até então na Escola Batista. O autor torna-se, mais tarde, professor concursado e nomeado das Escolas Reunidas.

Na mesma época e também após a queda do velho Tarumã, a cidade de Porto Franco cresce no que diz respeito aos espaços de lazer. Foi Pedro de Brito Aguiar quem criou o primeiro clube recreativo da cidade denominado como “Athenas Clube”, visto na **Figura 22**. Este local passa a ser a casa de diversões da Sociedade de Porto Franco. Os bailes e as festas que antes eram feitas nas casas de família agora ocorriam nesta nova localidade. O clube funcionou maravilhosamente bem por muitos anos. Mas com o passar do tempo foi sendo deixado de lado e fechou suas portas. Logo, no mesmo local surge, "Clube Recreativo de Porto Franco", porém com a troca de diretorias este entra em declínio também. Pereira cita que depois de certo progresso a cidade parece estar perdida, assim como a alma do velho tarumã que já se foi. Segundo o autor, um marco importante acontece na década de 1970, quando colocam uma placa pejorativa sobre a entrada da cidade com os seguintes dizeres: “Visite Porto Franco Antes que se acabe!”. Para o autor, a cidade estava sendo conhecida popularmente como “a cidade do já teve”.

Figura 22 - Foto do Livro - Athenas Clube



FONTE: Meu Pé de Tarumã Florido (PEREIRA, 1997,p. 37)

Segundo o autor os tempos foram se modernizando e os costumes se modificando, e muitas das coisas do passado acabaram sendo esquecidas e deixadas para trás. O autor descreve que se antes não fazia diferença, a partir de meados da década de 1960 os fazendeiros da região começaram a se importar e demandar que os limites de terras fossem demarcados. Da mesma forma, o autor fala sobre como a virgindade era, até meados da década de 1950, considerada enquanto atributo essencial para as mulheres na hora do casamento e que sua violação era comprovada por perícias, o que ocasionava uma série de exames para as mulheres e suas famílias. Contudo com o passar do tempo essa prática foi sendo abandonada. E por fim, o autor fala sobre como os piqueniques e passeios na cidade foram perdendo espaço para outras diversões mais modernas como, por exemplo, os banhos nas praias do rio Tocantins e as matinês que ocorriam nos domingos a partir das 15 horas.

Este foi um dos capítulos que desencadeou meu desejo pela análise do livro, nele foi possível perceber como a cidade acabou “esquecendo” importantes nomes do folclore local. Da mesma forma percebemos como a cultura religiosa também diminuiu sua influência entre os moradores da cidade. O autor escreve sobre como era lindo ouvir as cantigas e ladainhas relacionados a cada santo católico, mas que os jovens da década de 1990 (época em que o livro foi escrito) não demonstravam interesse em seguir a religião católica, por isso muitas dessas tradições religiosas não eram mais praticadas.

No mesmo capítulo ainda, entendemos como ocorre a “morte” do tão idolatrado pé de tarumã e o como a mesma abala o coração dos moradores. A árvore presenciou boa parte da história de Porto Franco. E sua morte pode ser entendida como um símbolo de novos tempos. Ou seja, o autor escreve que é após a queda da árvore que a cidade se desenvolve com mais

intensidade nas áreas tecnológica, com a vinda de eletrodomésticos como geladeiras e rádios, por exemplo, educacional com a vinda de novas escolas.

Assim como houve transformações na área da tecnologia e da educação, o autor nos mostra como os velhos e retrógrados hábitos culturais de Porto Franco também foram alterados. Destacamos a descontinuidade dos exames vexatórios e machistas que se faziam antigamente para comprovar a virgindade das mulheres. E, da mesma forma, o autor nos mostra a baixa adesão das parcelas mais jovens da sociedade porto franquina em relação às festividades religiosas.

Atualmente na cidade as festividades promovidas e que são relacionadas ao folclore local apresentam-se em sua maioria no Espaço Cultural Waldemar Gomes Pereira **Figura 23**. O espaço ganhou esse em nome haja vista a importância do autor Waldemar para a cultura de Porto Franco. No espaço ocorrem apresentações como quadrilhas juninas, bumba meu boi (na época de São João, no mês de Junho), grupos de teatro, de dança, apresentações escolares destinadas ao público, apresentações e shows religiosos.

Figura 23 - Foto da Prefeitura de Porto Franco - Espaço Cultural Waldemar Gomes Pereira



FONTE: <https://www.instagram.com/p/CfM5cxLuZio/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

É neste também que se concentram e se confraternizam alguns blocos de carnaval. O espaço se localiza na travessa Carolina nº 91, região do centro, contíguo à Praça da Rodoviária, esta por sua vez conta com lugares de alimentação durante a semana e, aos fins de semana, brinquedos para crianças. A fotografia retirada da página oficial da prefeitura no instagram é recente (Junho, 2022). Após dois anos sem festas juninas ou outras festividades

realizadas no espaço a esperança retorna, com a flexibilização das normas sanitárias de prevenção do covid-19. Haja vista que, no mês de junho foi possível retornar com as festas juninas realizadas no espaço, foram quatro noites de muitas apresentações tradicionais.

Quanto à cultura religiosa, as festividades e procissões que eram comum na cidade, diminuíram consideravelmente, hoje está ocorrem com mais frequência mas nas zonas rurais ou povoados, dos listados no livros poucas são santidades que ainda recebem festejos com mais fervor, este que permanecem são os juninos (São Pedro, Santo Antônio, São João), lembrados pelas tradicionalidades das festas juninas, a festa do Divino Espírito Santo, contudo no número de fiéis nas procissões diminuíram bastante. O cenário se decorre visto que o número de protestantes (evangélicos) na cidade aumentou consideravelmente o que ocasionalmente, fez com que, com o passar dos anos, o número de católicos diminuíssem.

Neste capítulo, bem como no livro de modo geral, o autor não apresenta um conceito de cultura. O que é entendido pelo autor como cultura, é uma visão deturpada e errônea de se pensar. Nas Ciências Sociais, mais especificamente na antropologia, compreendemos através dos antropólogos, a exemplo de Roque Laraia (2009) que a cultura é um processo acumulativo, de símbolos, significados, valores, normas, tradições, etc. Dessa forma, as mudanças e dinamizações que ocorrem em cada cultura, não significava dizer que aquela sociedade vai perder sua cultura, mas que sim, que foi preciso mudar, as mudanças e aperfeiçoamentos que ocorrem nos processos culturais, ocorre para melhorias para aquele povo ou grupo.

Laraia (2009), afirma que a cultura é dinâmica é que, esta dinamização está relacionada a diversidade cultural de cada sociedade. As sociedades estão em constante processo de modificações, por isso, os homens têm a capacidade de questionar e modificar seus hábitos, a fim da melhoria de tais. A realização desse processo não significa dizer que os homens estão perdendo sua cultura, como afirmado por Waldemar Pereira, mas que, eles vão buscar uma forma melhor de se viver, seja modificando suas formas de vestir, sua culinária, valores, entre outros, as mudanças ocorrem de acordo com a necessidade de cada grupo.

3.5 A Religião sempre presente (páginas 53 a 80)

Neste capítulo, de modo detalhado, o autor apresenta a história religiosa de Porto Franco antes mesmo de ela ser considerada como cidade. No ano de 1915, quando ainda era um vilarejo, já se podia perceber a presença dos padres capuchinhos franciscanos; da mesma forma é dessa época a construção da primeira capela da cidade, a Igreja da Imaculada Conceição, na **Figura 24** e na **Figura 25**, podemos observar o interior e o altar da igreja.

Figura 24 - Foto do Livro - Igreja Imaculada Conceição



FONTE: Meu Pé de Tarumã Florido (PEREIRA, 1997,p. 63)

Figura 25 - Foto do Livro - Altar da Igreja



FONTE: Meu Pé de Tarumã Florido (PEREIRA, 1997,p. 64)

Até então o catolicismo era a única religião da nova cidade. O padre Frei Tomaz Maria de Mont'Alverne foi um importante nome para o catolicismo porto franquino, visto que por certo período ele impulsionou a fé dos fiéis com a realização de batismos e casamentos, organização de festejos e a construção de novas capelas. Os capuchinhos, por sua vez, fizeram presença constante na cidade de Porto Franco de 1915 até 1980. Na **Figura 26** é possível apresentar alguns dos Padres e Bispo da cidade de Porto Franco marcados nesse período do tempo.

Figura 26 - Foto do Livro - Padres e Bispos da cidade de Porto Franco



FONTE: Meu Pé de Tarumã Florido (PEREIRA, 1997,p. 69,70)

Com o passar dos anos e com o desenvolvimento da cidade se implantou o protestantismo em Porto Franco. Inicialmente um grupo pequeno, chefiado pelo pastor Alexandre Silva, que se reunia para cultos noturnos e escolas dominicais. Surgiu desse modo a Primeira Igreja Batista Evangélica Brasileira na cidade. De início, Waldemar Gomes Pereira descreve o cenário envolvendo essas duas religiões como uma guerra, visto que o Frei não aceitava a implantação da Igreja Batista e fazia com que os jovens apedrejassem as portas das casas onde se realizavam os cultos protestantes. Contudo, a Igreja Batista prosperou e como reforço teve a chegada, em 1925, de dona Marcolina Magalhães, uma importante missionária

da Igreja Batista, a qual veio com o intuito de chefiar a Escola Batista fundada pelo pastor Alexandre. Dona Marcolina permaneceu na cidade até os anos 1960 e com sua partida a escola fecha as portas. Na **Figura 27** e na **Figura 28**, podemos observar duas turmas da Escola Batista “Minnie Landrum” (fundada em 12 de Julho de 1932).

Figura 27 - Foto do Livro - Turma professora Maria Cardoso (1947)



FONTE: Meu Pé de Tarumã Florido (PEREIRA, 1997,p. 74)

Figura 28 - Foto do Livro - Concluintes do Pré-Primário (1964)



FONTE: Meu Pé de Tarumã Florido (PEREIRA, 1997,p. 74)

Segundo Pereira, além das contribuições das Igrejas Católicas e Batista para a formação da cidade, houveram também as participações do Espiritismo Kardecista, da Loja Maçônica, da Associação de Proteção e Assistência à maternidade e infância (APAMI) e do clube Recreativo Ingarana. Todos promoveram e desempenharam participações significativas para a formação do Porto Franco que temos hoje.

a) Espiritismo Kardecista

A doutrina espírita nasce juntamente com a emancipação do município, mas seu vestígio vem desde o período de formação da comunidade. A princípio eram um grupo fechado e incluíam somente as famílias Milhomem e Barbosa. Que realizavam seus cultos em reuniões fechadas chamadas "sessões". As pessoas juntas formavam uma "corrente" para estudar a doutrina de Allan Kardec. Como o povo não conhecia a religião, chegavam a ter medo, sendo condenada pelas igrejas evangélicas e católicas.

b) Loja Maçônica Tiradentes nº18

Logo de início Waldemar Pereira, deixa claro que a Maçonaria não é uma seita e nem religião. É uma instituição que tem por fim, a felicidade da humanidade, pelo amor, liberdade, aperfeiçoamentos dos costumes, assim como também o respeito a crença de cada indivíduo. Apesar de não ser uma religião, quem não acredita em Deus ou na imortalidade não pode ser maçom. A maçonaria funciona como uma sociedade secreta de homens livres e de bons costumes, contudo o autor deixa claro que, não existem tais mistérios sobre tal, somente sim o Bem e o Amor. Na **Figura 29**, à frente da Loja Maçônica "Tiradentes" o seu grupo de fundadores.

Figura 29 – Foto do Livro - Loja Maçônica "Tiradentes"



FONTE: Meu Pé de Tarumã Florido (PEREIRA, 1997,p. 77)

c) Associação de Proteção e Assistência à Maternidade e Infância - APAMI

A mais antiga das associações filantrópicas da cidade, a APAMI, foi fundada em 18 de agosto de 1957 pelo então prefeito Alfredo Santos e pelo ex-deputado estadual Dr. José Bento Nogueira Neves, no início era uma associação de mulheres. Tendo à frente de sua diretoria Regina Bandeira Aguiar. Associação ao completar seus 40 anos de existência e com um bom número de associados, agora incluindo homens, constroem uma sede própria, com instalação para uma escola primária, contendo 6 salas de aula, onde recebia centenas de crianças pobres anualmente matriculadas. Seu corpo de professores promoviam campanhas para ganhar fundos que tinham como destino mães e crianças carentes.

d) Clube Recreativo Ingarana

Criar um clube sócio-recreativo, sempre fez parte dos ideais da elite porto franquina. Porém com tentativas falhas como já vimos anteriormente, com o “Athenas Clube” e o “Líder Clube de Porto Franco”. Decide mais uma vez tentar agora com mais associado criando no mesmo local o “Clube Recreativo de Porto Franco”, com mais sócios e consecutivamente mais patrimônios, porém mais uma vez com a mudança de diretoria veio a sucumbir em 1978. A cidade estava assim sem casa de diversões sociais.

Em 13 de abril de 1984, funda-se o “Clube Recreativo Ingarana”, sem mesmo dispor de uma sede, mas com os recursos arrecadados e a conquista de um terreno urbano logo se inicia as construções. O baile de inauguração marcou época. Assim como os outros, o clube promoveu muitos bailes e por bom período ganhou espaço na comunidade apesar de ser um clube para associado, não obstante passam a vender ingressos para o público em geral, já que os sociais vinham se enfraquecendo. Logo os sócios deixam a pouco de pagar suas taxas de contribuições para a manutenção do mesmo e o espírito de associativismo desaparece, o clube falir por não ter mais condição de se manter.

Identificar como a religião foi de tamanha significância para a formação da cidade é bastante significativo, haja vista que, a compreensão do desenvolvimento urbano da cidade está estritamente ligada especificamente a Igreja Católica e Batista. Observamos, como elas estavam relacionadas ao processo educacional e como este foi fundamental para que a população viesse somente a ganhar. O capítulo é extenso, mas em minhas impressões compreendo como sua leitura é necessária para entendermos esse processo, partindo do suposto que, além das religiões cristãs na cidade também se instalaram outras instituições citadas, que significativamente existem até a atualidade, provavelmente princípio da época devem ter se alterados, mas suas presenças ainda são significativo, exceto pelo Clube Recreativo Ingarana que de fato veio à falência e permanece de tal forma.

No capítulo vimos como o poder da religião foi fundamental para o desenvolvimento estrutural da cidade de Porto Franco, haja vista que as interações religiosas entre a Igreja Católica e a igreja Batista possibilitaram com que a cidade crescesse em favor da religião, com a implantação de escolas levando acesso à educação religiosa, o que ocasionalmente possibilitou que famílias que não tinham acesso a educação pudessem adentrar na educação escolar.

Por muitos anos como é apresentado neste capítulo estas duas religiões vem prevalecendo na cidade. Não obstante, com o passar dos anos surgem novas ramificações do protestantismo, os “evangélicos” como assim são chamados, atualmente fazem parte de uma maioria na cidade.

É inegável a religiosidade dos porto franquinos, no capítulo o autor apresenta como a Escola Batista foi de fundamental importância para a educação dos jovens e crianças da época, hoje a cidade conta com três escolas religiosas, sendo da Igreja Católica a Escola Dom Marcelino, a da Igreja Evangélica, Escola Presbiteriana, ambas escolas públicas do município são localizadas no centro da cidade e possuem grande prestígio para o moradores, contam com turmas da educação infantil e fundamental 1. Ademais, a terceira escola religiosa da cidade é a Escola Adventista, está regida sobre as vertentes da Igreja Adventista, por sua vez faz parte de uma rede de escolas particulares comportando turmas da educação infantil e fundamental 1 e 2.

Com o passar dos anos muitas vertentes do protestantismo chegaram para a cidade, em sua maioria do protestantismo pentecostal como as Assembleias de Deus, a Igreja Quadrangular, a Congregação Cristã no Brasil “também conhecida como a Igreja do Véu”, bem como as a Igrejas já citadas, a Adventista e a Presbiteriana. A Igreja Batista ainda permanece na cidade, contudo comparada às demais igrejas protestantes ela perdeu sua proporção e seus números de fiéis caíram consideravelmente.

A igreja católica ainda estabelece uma forte devoção aos fiéis. Atualmente a cidade está dividida entre duas paróquias, no centro a Igreja da Nossa Senhora Imaculada Conceição, ainda continua sendo a única matriz no coração de muitos fiéis. No bairro Entroncamento atualmente, contamos que a paróquia Nossa Senhora de Fátima, a segunda igreja matriz da cidade. Na **Figura 30**, podemos observar a entrada da Igreja Matriz Nossa Senhora Imaculada Conceição e na **Figura 31** observamos o interior da Paróquia Igreja Nossa Senhora de Fátima.

Figura 30 – Foto da Autora - Frente da Matriz Nossa Senhora da Imaculada Conceição



FONTE: Maisa Marinho Dias (DIAS, Abril de 2022)

Figura 31 – Foto da Autora - Interior da Igreja Nossa Senhora de Fátima



FONTE: Maisa Marinho Dias (DIAS, Maio de 2022)

A **Figura 31** e a **Figura 32**, foram registradas durante uma noite de festejo de Nossa Senhora de Fátima, do ano de 2022, que aconteceu entre os dias 04 a 13 de Maio. Mesmo com o desmembramento recentes entre as comunidades das paróquias os fiéis ainda participam respectivamente em seus festejos e festividades sejam os que pertencem à paróquia de Nossa Senhora da Imaculada Conceição localizada no centro e já existente na época do livro ou a de Nossa Senhora de Fátima, localizada no bairro do entroncamento.

Figura 32 – Foto da Autora - Festejo de Nossa Senhora de Fátima

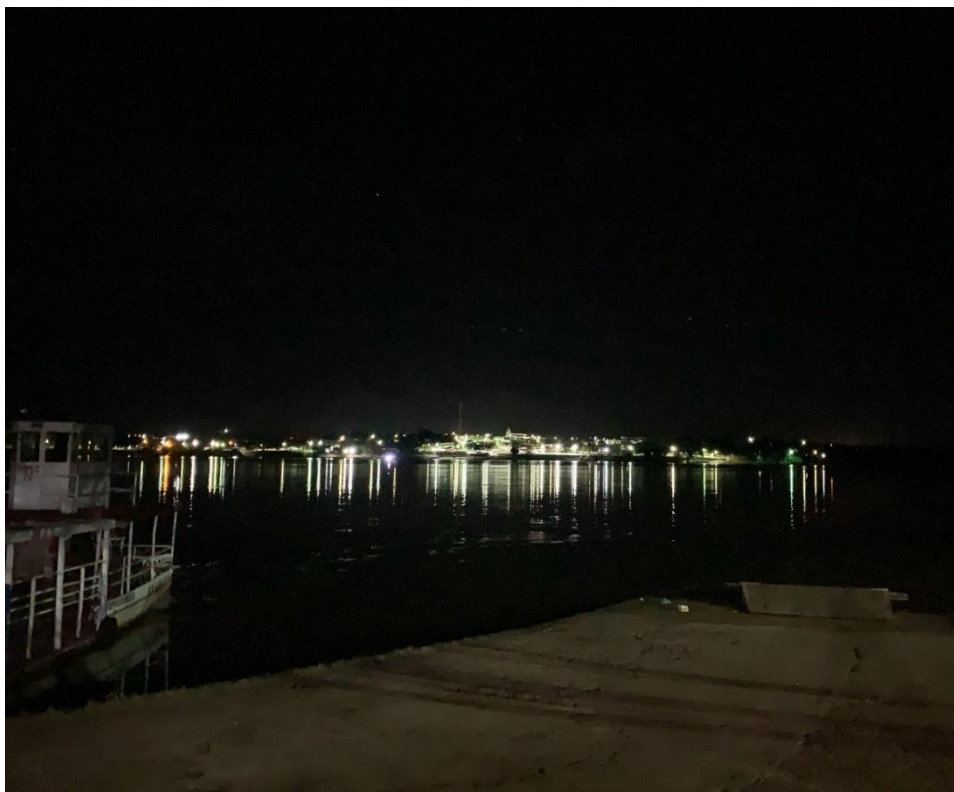


FONTE: Maisa Marinho Dias (DIAS, Maio de 2022)

3.6 Boa Vista do Padre João (páginas 81 a 88)

Neste breve capítulo o autor nos apresenta a cidade de Boa Vista, atual cidade de Tocantinópolis, estado do Tocantins, que exerceu por muitos anos forte influência cultural na formação da cidade de Porto Franco. Em seus parágrafos o autor discorre como são lindas as luzes da cidade refletidas através das águas do rio Tocantins, vistas na **Figura 33**.

Figura 33 - Foto da Autora - Beira Rio de Porto Franco a Noite



FONTE: Maisa Marinho Dias (DIAS, Abril de 2022)

Ademais, por sua proximidade geográfica, muitos dos porto franquinos atravessavam o rio Tocantins para ir de encontro à cidade, sobretudo em dias de festividades como o festejo da padroeira da cidade de Tocantinópolis. Da mesma forma, os porto franquinos atravessam em direção à Tocantinópolis para realizar outros negócios que fossem convenientes aos comerciantes e moradores das cidades. Os moradores das cidades Tocantinópolis e Porto Franco, trocavam encontros em bailes, vesperais (definido pelo autor como divertimento a tarde) e brincadeiras que eram promovidas pela sociedade, logo as famílias da sociedade de tais eram estimadas.

Nessas idas e vindas, muitas histórias e recordações foram criadas, é importante lembrar-se da escola Dom Orione, logo a margem do rio Tocantins, foi responsável pela formação e preparação educacional de jovens porto-franquinos, que saem diariamente de Porto Franco e atravessavam para estudarem. Na **Figura 34**, é uma foto presente no capítulo, de dezembro de 1967, nesta apresenta os concluintes do Curso Ginásial.

Figura 34 - Foto do Livro - Colégio Dom Orione



FONTE: Meu Pé de Tarumã Florido (PEREIRA, 1997,p. 87)

O autor finaliza o capítulo citando que, a cidade de Tocantinópolis está cada vez mais crescida e melhorada, contudo seu povo pouco mudou, preservando sua cultura local, sua hospitalidade e seus valores. Waldemar Pereira apresenta que para saber mais sobre a história e detalhes importantes de Boa Vista, ele indica a leitura do livro “Boa Vista do Padre João”, escrito por Aldenora Alves Correia.

A cidade de Tocantinópolis encontra-se, no ano de 2022, com 165 anos. Os habitantes de ambas as cidades, se deslocam diariamente de Tocantinópolis para Porto Franco e vice-versa. Com intuito de estudar, trabalhar ou resolver negócios locais com comerciantes, além de outros estabelecimentos públicos, com banco da Caixa Econômica que a cidade dispõe e o Banco da Amazônia que já era frequentado por porto franquinos desde a publicação do livro.

Outro motivo de deslocamento que surge após a publicação do livro é a chegada da Universidade Federal do Tocantins (UFT), atualmente em transição para Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Dado sua localização em Tocantinópolis e pelo fácil acesso dos moradores de Porto Franco a cidade, muitos dos porto franquinos assim como eu, atravessam o rio fluvialmente todos os dias para terem acesso ao ensino superior, os cursos da instituição atualmente são em suma maioria de licenciatura como o Curso de Ciências Sociais, Educação Física, Educação do Campo e Pedagogia, recentemente o curso de Direito bacharelado foi inserido na instituição.

Através da leitura minha impressão é que como a cidade que historicamente é mais velha que Porto Franco e já estava estruturada, enquanto Porto Franco não passava de uma vila, sua localização próxima, separada apenas por um rio, contribuiu para que ocorresse circunstancialmente, sua participação no desenvolvimento social e cultural estabelecidos e herdados por moradores.

3.7 A Literatura e as Artes (páginas 89 a 104)

Neste capítulo é possível perceber que Porto Franco foi fundado por fazendeiros e homens simples, ou seja, pessoas que pouco estudaram, possuindo assim pouca bagagem literária e “cultural”. A primeira escola primária se inicia em 1915 a 1923, a partir de então começa se a surgir importantes nomes dentro da educação e literatura que se fizeram presente na cidade, dentre tais o primeiro professor e fundador da primeira escola Benigno Nóbrega, José Guimarães, o primeiro funcionário público federal que nas suas horas era professor nestes primeiros anos, Francisco de Assis Nóbrega um dos professores mais devotados dessa primeira fase, Raimundo Pinto, sendo mestre escola é poeta dedicasse sua vida a educação, passando a lecionar em fazendas localizadas no interior, outro nome importante foi Alexandre Gonçalves da Silva, fundador da igreja e da Escola Batista, onde foi um bom professor.

No capítulo o autor apresenta minuciosamente a biografia e a trajetória de cada um dos importantes nomes para a formação educacional da cidade de Porto Franco, neste é possível tal qual foi de suma importância suas interações nestes anos para a cidade. Brevemente apontaremos o papel de cada nome para a cidade de Porto Franco; Fortunato José Moreira Neto, Antônio Gomes Pereira, João Walcacer de Oliveira e Regina Bandeira de Aguiar.

Fortunato José Moreira Neto desempenhou um papel importante dentro do sistema educacional, sendo professor de várias gerações, foi considerado a maior expressão poética da cidade. Sendo homenageado em 1988, com seu nome sendo colocado na escola de 2º grau local. Antônio Gomes Pereira (irmão do autor Waldemar), teve sua significância pela construção da letra do “Hino à Porto Franco”, pelas suas poesias, pelo jornal fundado, por ter dado o nome de Tocantinópolis, a antiga Boa Vista, como homenagem, a biblioteca da cidade foi nomeada com seu nome. João Walcacer de Oliveira, conhecido como o homem dos sete ofícios, chega à cidade ainda jovem, sendo o dono da primeira farmácia de manipulados, “Pharmácia Socorro”, sendo também professor montou uma escolinhas para seus amigos e familiares, carpinteiro e músico, ensinava em sua escola de tudo um pouco, com o passar dos anos sua participação na cidade também contribuiu para que a política local tomasse novos

rumos, como homenagem, a escola de ensino fundamental do bairro entroncamento foi nomeada com seu nome. Ademais, Regina Bandeira de Aguiar, foi professora e líder comunitária, a mesma desde jovem desenvolveu o amor pela sala de aula, ingressando desde cedo no magistério, exercendo o magistério público por mais de 35 anos, com a criação da Associação de Proteção a Assistência à Maternidade e Infância - APAMI, a professora é eleita presidenta da entidade, exercendo o cargo por mais de 40 anos, ensinando mais de 3 gerações na escola, hoje muitos dos importantes nomes formandos e oriundos da cidade concluíram ou iniciaram o ensino com a referida, em sua homenagem encontra em Cabeceira Grande um povoado da vizinha cidade de Campestre Maranhão, que anteriormente era compreendida como Porto Franco, uma escola com seu nome.

Este capítulo é um acervo rico em informações. Através de tal, foi possível observar como estes nomes foram relevantes e desempenharam um papel importante para que os processos educacionais fossem de comum para “todos”, isto tendo em mente o período. Sua relevância em minha impressão perpassa a educacional e atinge o social visto que a educação muda o homem, percebemos nas páginas do livro, que os poucos que tinham acesso a tal, se tornam posteriormente grandes nomes na formação da cidade e passam a fazer parte de seu desenvolvimento. Sabemos que, estes que se destacavam faziam parte de uma elite presente na cidade e que por sua vez, seu destaque e o acesso a educação que ambos tinham bem como as oportunidades, não era válido para todos.

3.8 Integração Nacional (páginas 105 a 112)

Este capítulo refere-se à construção da rodovia Brasília- Belém. O sonho de muitos dos moradores da cidade era a rodovia, construída no governo presidencial de Juscelino Kubitschek de Oliveira, popularmente chamado de JK. Apesar de o projeto ter sido aprovado em 1930 pelo então presidente Washington Luís, as construções se iniciaram em 1950 no governo de JK liderada por Bernardo Sayão.

Para conectar a o estado de Goiás, atual Tocantins ao Maranhão, seria necessário à construção de uma ponte, a qual inicialmente seria entre a cidade de Tocantinópolis e Porto Franco, mas que por desentendimentos políticos o projeto foi realocado para Estreito, sendo inaugurada com uma grande festa, incluindo a presença do presidente Juscelino Kubitschek em 1961. A construção demorada da rodovia e da ponte possibilitou o desenvolvimento econômico das cidades de Porto Franco e Estreito, visto a quantidade de migrantes que veio em busca de emprego nas construções. Os comerciantes cresceram seus estabelecimentos, assim como os bairros foram surgindo e se desenvolvendo. É interessante citar que o autor

traz que essa é a época em que a velha cidade de Imperatriz se desenvolve estruturalmente rapidamente se torna a maior cidade da região, se tornando assim o maior polo comercial da região tocantina. Vela lembrar que, com a vinda de novos moradores e o desenvolvimento das cidades citadas, veio também a marginalidade e a criminalidade.

Na **Figura 35**, fotografia da época da inauguração da Ponte sobre o rio Tocantins, localizada em Estreito-MA. Inaugurada pelo presidente Juscelino Kubitschek em 28 de janeiro de 1961.

Figura 35 - Foto do Livro - Ponto sobre o Rio Tocantins - Estreito



FONTE: Meu Pé de Tarumã Florido (PEREIRA, 1997,p. 111)

O autor finaliza o capítulo feliz com os desenvolvimentos estruturais que surgiram após a construção da ponte, chamada de “Ponte de Integração”. O mais significativo foi a construção da rodovia Brasília-Belém (BR 010). Sua construção é descrita como milagre, haja vista que após, sua construção foi possível a ligação entre Norte-Centro-Oeste, nasceram povoados às margens da estrada, hotéis, aglomerados humanos, assim como também começam a surgir os cabarés, chamados bordéis.

Todas as cidades beneficiadas pela construção da rodovia e pela ligação da ponte, passam a crescer, logo surgem as primeiras empresas de ônibus de transportes que levavam a população de Belém a Brasília e vice-versa. Após tais desenvolvimentos Porto Franco que era uma pequena cidade, aumenta consideravelmente. Estas mudanças e o aumento de oportunidade de emprego provocou êxodo rural, iniciou a partir de então os núcleos suburbanos denominados “vilas”; “Vila Lobão”, “Vila Corina”, “Vila São Francisco”, “Vila Nova”, “Nova Vila”, “Parazinho” e “Entroncamento”.

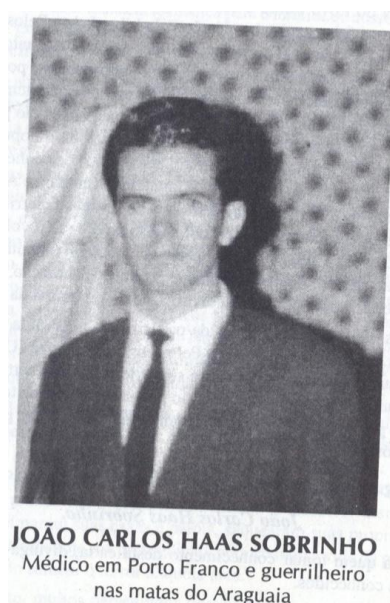
É compreendido após a leitura do capítulo que a integração nacional promovida pela construção da ponte ligando na época o Estado de Goiás ao Maranhão foi de fundamental importância para o desenvolvimentos estruturais das cidades que se beneficiam de sua ligação, a construção da estrada Belém-Brasília, por sua vez em conjunção foi de tamanha importância. Ambos proporcionaram um novo cenário, as cidades que antes possuíam poucos habitantes e que tinham difícil acesso, após elas, cresceram com a vinda de trabalhadores e novos habitantes em busca de uma melhor qualidade de vida.

3.9 Porto Franco e a Guerrilha do Araguaia (páginas 113 a 124)

Além dos outros conceitos e temas pertinentes dentro das Ciências Sociais, a apresentação deste capítulo destacando o vínculo de Porto Franco com a Guerrilha do Araguaia, é muito importante. Isso porque, neste é discutido qual contato Porto Franco teve com a Guerrilha do Araguaia, ficando sob a mira do Exército Nacional, durante o período da Ditadura Militar, entre os anos de 1967 a 1971.

No ano de 1967, chega à cidade Dr. João Carlos, um médico jovem e solidário, sem nenhuma característica que pudesse despertar suspeitas. Logo ganhou fama, haja vista que nas dependências não havia médicos, o médico atendeu durante 2 anos a população porto franquina e de cidades vizinhas a região, algumas pessoas vinham de longe e pagavam como podiam pela fama que o mesmo ganhou. Na **Figura 36**, temos a foto de João Carlos Haas Sobrinho, o “Dr João Carlos”.

Figura 36 - Foto do Livro - João Carlos Haas Sobrinho



Contudo, aparentemente do nada, o médico ao receber uma carta decide se despedir e vai embora, o que não sabiam era que o médico era aliado à força comunista e estava partindo para combater juntamente aos guerrilheiros do Araguaia atendendo os enfermos, em 1972. O heróico e filantrópico médico morreu assassinado traiçoeiramente próximo ao município de São Geraldo do Araguaia, no estado do Pará. A população porto franquina, acaba sabendo após a carta que o mesmo deixa e é publicada em um jornal da região.

Ademais, a luta e os reflexos anticomunismo continuam acontecendo em todo a país, em Porto Franco no ano de 1971, em decorrência dessa perseguição anterior, foram infiltrados homens que com o tempo, descobrem a presença de um pequeno grupo de pessoas. Estes de Porto Franco atravessavam o rio Tocantins para que pudessem realizar reuniões com alguns cidadãos de Tocantinópolis às margens do rio Tocantins. Esse pequeno grupo comunista foi descoberto e os que foram identificados foram torturados, parte deles voltaram, mas o ancião Epaminondas Oliveira, nada sabia sobre o seu martírio, apenas que o mesmo morreu tendo como único pecado amar a pátria.

O autor conclui o capítulo com a discussão de uma carta dirigida ao povo brasileiro, afirmando que temos fé em um Brasil radioso, livre da opressão, do atraso, da ignorância, reafirmando o valor da união e da importância de lutarmos juntos por todos e por nossos filhos.

Muito pouco ou quase nada se é falado entre os moradores sobre a Guerrilha do Araguaia e como ela teve contato com a cidade de Porto Franco. Minha impressão é que pode ter sido um alheamento meu, é que devíamos partir do pressuposto que todas as cidades localizadas próximas a Xambioá (localizada a aproximadamente 190 km da cidade de Porto Franco) tiveram sim seu envolvimento, mesmo que singelo. Na leitura foi possível perceber como o médico desempenhou papel relevante na saúde dos porto franquinos, ademais observamos também sobre como essa época foi cruel e torturou e matou muitas pessoas inocentes que almejam apenas a liberdade de expressão de ser o opor quanto à severa ditadura militar, a liberdade de ser “comunista”. A ditadura, assim como tirou muitas vidas, também deixou medo aos que sobreviveram nesse período.

Até a publicação do livro os restos mortais do ancião Epaminondas Oliveira, não haviam sido entregues a família. No ano de 2014 com uma série de audiências foi verificado que o mesmo foi vítima da guerrilha e enfim sua família conseguiu fazer o cortejo e homenageá-lo de forma adequada. Epaminondas, mesmo após anos de sua morte, recebeu um cortejo e homenagens, dos parentes e amigos habitantes da cidade de Porto Franco. O cenário encontrado se apresenta, haja vista que seus descendentes fazem parte de uma família

influyente na cidade, o que contribuiu com o processo de investigação sobre o caso. Contrariamente, muitos guerrilheiros até a atualidade ainda se encontram desaparecidos.

3.10 Fragmentos Políticos (páginas 125 a 140)

Esse capítulo é um tanto extenso e detalhista, isso porque ele retrata os fragmentos políticos desde o seu surgimento da cidade, inicialmente como povoado até a publicação do livro. Neste capítulo de modo detalhado, conta como que o povoado começa a surgir, graças à doação de Leonardo Pereira de Araujo Brito, para que a vila pudesse crescer. A cidade foi desmembrada de Imperatriz em 1 de janeiro de 1920, a partir de então se inicia a vida política da recém cidade de Porto Franco.

Neste capítulo ademais, apresenta o contexto histórico por mandato de prefeitos e o que foi feito em seus respectivos mandatos eleitorais, desde 1920 até 1948, a primeira eleição ocorrendo em 1º de dezembro de 1919, cabe lembrar que nesse período as eleições não eram livres, havendo também restrições de voto, por exemplo, mulheres não podiam votar e serem votadas. Vale ressaltar que entre o período de 1930 a 1946, ocorreu a Era Vargas, esse período não foi fácil para a cidade, pois os representantes que administravam os municípios eram os interventores ou intendentos, nomeados pelo interventor estadual. No capítulo, o autor apresenta os interventores municipais e seus respectivos períodos que administraram, de 1920 a 1948.

Após as eleições livres, o desenvolvimento se torna mais evidente na cidade, isso porque os governantes passam a ser escolhidos pela democracia dos cidadãos. Neste período, o primeiro prefeito eleito democraticamente foi Virgulino Tavares Vasconcelos, um sertanejo muito querido por todos, chamado de “mão aberta”. Com o voto livre e o processo de democracia os eleitores passam a reivindicar seus direitos e escolher um candidato que melhor os representassem, dessa forma logo a energia elétrica chega cidade, no dia 13 de maio de 1952, são inauguradas duas ruas principais, na **Figura 37**, Rua Joaquim Pereira, na **Figura 38** a Rua Custódio Barbosa em 7 de setembro de 1953 e na **Figura 39 e Figura 40**, foto do dia que é inaugurado o Mercado Municipal, em 7 de setembro de 1952.

Figura 37 - Foto do Livro - Inauguração de duas ruas principais em Porto Franco, 07 de Setembro de 1953



FONTE: Meu Pé de Tarumã Florido (PEREIRA, 1997,p. 133)

Figura 38 - Foto do Livro - Rua Custódio Barbosa



FONTE: Meu Pé de Tarumã Florido (PEREIRA, 1997,p. 122)

Figura 39 - Foto do Livro - Cerimônia de Inauguração do Mercado Municipal (1952)



FONTE: Meu Pé de Tarumã Florido (PEREIRA, 1997,p. 134)

Figura 40 - Foto do Livro - Detalhe do velho mercado, demolido na gestão municipal (1977-81)



FONTE: Meu Pé de Tarumã Florido (PEREIRA, 1997,p. 134)

Pereira apresentou sucintamente cada prefeito e o que este fez em sua gestão pela melhoria da cidade de Porto Franco. O autor apresenta ao final do capítulo que, a história de Porto Franco tem sido escrita a base de paz e tranquilidade, isso visto a constante luta de seus filhos para o desenvolvimento da territorial logo a cidade cresce para o avanço é modernidade. Em 1º de janeiro de 1997, a promessa é de que a cidade se desenvolva ainda

mais, visto o desmembramento territorial, da atual cidade de Campestre do Maranhão e de São João do Paraíso, a qual até então eram parte de seu território, após nestas circunstâncias o desenvolvimento se intensificou ainda mais, isto porque, foi possível diminuir os problemas que eram triplicados.

Minha impressão é que o capítulo faz parte do patrimônio da cidade de Porto Franco, ao passo que compreender a que circunstâncias se veio o desenvolvimento da cidade que habitamos. Observamos neste que a cidade cresceu consideravelmente após as eleições livres, reflexos que vemos ao analisar que os candidatos nomeados aos cargos na época da diretoria ou do voto forçado, não pensavam em prol da maioria, que era pobre, mas sim de uma minoria elitizada. Diante disso, com o passar do tempo, Porto Franco cresce rumo à modernidade aumentando suas ruas, bairros e construções.

Observamos o quão este capítulo nos apresenta uma densidade de informações, relacionadas aos fragmentos políticos da cidade até a o ano de publicação. O capítulo se atenta a apresentar os avanços e os retrocessos enfrentados pela cidade de Porto Franco, neste período de tempo. Após a publicação do livro, percebemos o que mudou com relação a estrutura da cidade.

Nas imagens apresentadas, nos capítulos vemos as primeiras ruas inauguradas na cidade de Porto Franco, atualmente a Rua Joaquim Pereira, apresentada na **Figura 41**, ainda é uma das ruas mais movimentadas da cidade, já existem outras de igual semelhança, mas esta ainda apresenta fortes movimentações, haja vista sua diversidade de lojas comerciais, como supermercados, lojas de esporte, de vestimentas, utensílios do lar, eletrodomésticos, casa agropecuária, materiais de construções, drogarias, clínicas laboratoriais e de estética e cosmética, entre outros.

Figura 41 - Foto da Autora - Rua Joaquim Pereira em 2022



FONTE: Maisa Marinho Dias (DIAS, Junho de 2022)

Contudo, a Rua Custódio Barbosa, vista na **Figura 42**, que também foi uma das duas primeiras ruas inauguradas, não se encontra na mesma proporção de movimentação, visitamos a rua em horários distintos, mas, em nenhum momento conseguimos uma fotografia apresentando o tráfego de habitantes. Esta rua é vista com uma das ruas históricas da cidade, nesta vemos a presença de casa com o designer mais antigo, estruturas deterioradas, além de conceber que em suma, a maioria dos moradores dessa localização é idosa.

Figura 42 - Foto da Autora - Rua Custódio Barbosa em 2022



FONTE: Maisa Marinho Dias (DIAS, Junho de 2022)

Com relação a política na cidade, nestes quase 25 anos, a cidade permaneceu sob o mesmo regime político, o Partido Democrático Trabalhista (PDT), perdendo somente no ano de 2016 para o Partido Social Democrático (PSD), atualmente nas eleições de 2020 o PDT recupera o domínio sobre a prefeitura. Nestes anos de mandato os prefeitos eleitos pelo PDT, fizeram muito para a comunidade de Porto Franco, em comunhão com o governo do estado, que a prefeitura construiu inúmeras escolas na zona rural assim como na urbana e revitalizou as poucas que existiam até então na zona urbana.

Com o surgimento de novos bairros, as ruas foram em grande parte pavimentadas e foram implantados programas de moradia para os que não possuíam uma residência física. Além de no ano de 2010 inaugurar o polo Darcy Ribeiro, este Pólo universitário inicialmente implantado com o apoio da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), hoje conta com curso da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMA SUL), da Universidade Estadual do Maranhão e Núcleo de Tecnologias para Educação (UEMANET) e da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Os cursos oferecidos são no formato presencial e online na modalidade de educação a distância (EAD), o que possibilita que jovens e adultos adentrem no ensino superior.

3.11 Vultos Históricos de Porto Franco (páginas 141 a 158)

Esse capítulo vai abordar um pouco dos personagens que fizeram sua importância para a história de Porto Franco. Inicialmente o autor apresentou uma cópia autêntica da ata da sessão solene de instalação do município de Porto Franco, Câmara de Imperatriz, Estado do Maranhão, esta foi assinada por todos os presentes no dia 01 de janeiro de 1920, cerca de 80 pessoas, listada ao final da ata da sessão.

Ademais, neste mesmo capítulo é apresentado uma lista com o marco dos anos em que os prefeitos, os vice-prefeitos, interventores e intendentess e secretários que administraram o Município de Porto Franco, ressaltando que entre 1930 a 1948 a cidade foi governada por interventores e secretário, época essa caracterizada pela Era Vargas. A lista apresenta estes governantes desde 1920 até a última eleição antes da publicação do livro, que é de 1997, na qual os eleitos atuarão até 2000.

Ao final do capítulo o autor apresenta a crônica "Seus setenta e cinco janeiros", está escrita pelo próprio, é uma homenagem aos 75 anos da cidade de Porto Franco, nesta é apresentado a história desde o seu surgimento buscando suas origens nos anos de 1880 com os primeiros povoadores até o período atual, nesse caso 1996. Segundo a crônica presente no capítulo é sobre Demetrio de Souza Milhomem, político, vereador e interventor-intendente,

intitulado “Porto Franco perde o último de seus fundadores”, a morte do último fundador de Porto Franco, a qual ocorreu 11 de abril de 1996. Não obstante, neste capítulo ainda é apresentando outras biografias de importantes vultos históricos como, Virgulino Tavares de Vasconcelos, político, fundador e ex-prefeito do Município de Porto Franco, Joaquim Gomes Pereira (Pai do autor) Patriarca, juiz de Paz, intendente e ex-prefeito, Alfredo Santos, fazendeiro, comerciante e político e Anísio Bandeira de Miranda, fazendeiro e político.

Este capítulo nas minhas impressões possibilita o resgate político da cidade. Através de sua leitura, podemos visualizar o cenário da época e consecutivamente quem eram seus representantes, esse mais sucinto que o capítulo anterior não apresenta as melhorias trazidas pelos governos, contudo percebemos que muitos deles ainda são lembrados até a atualidade pela cidade. As biografias, por sua vez, trazem o nome dos mais marcantes, entre os citados.

3.12 Os poderes Legislativo e Judiciário (páginas 159 a 172)

Neste capítulo é trazida a listagem da relação entre todos os vereadores, presidentes e vice-presidentes à câmara municipal de Porto Franco - eleitos de 1920 a 1995, correspondentes a eleições de 1920 a 1924, de 1925 a 1926, de 1928 a 1930, não foram encontrados dados entre o período de 1930 1948 (ERA VARGAS), de 1948 a 1951, de 1951 a 1954, de 1955 a 1958, de 1959 a 1963, de 1963 a 1966, de 1967 a 1970, de 1971 a 1972, de 1973 a 1976, de 1977 a 1982, de 1983 a 1988, 1997 a 2000.

Ademais, no mesmo também é apresentado sobre a comarca de Porto Franco, o autor inicia o tópico afirmando que foi bastante difícil realizar um levantamento preciso da vida judiciária de Porto Franco, haja vista que os cartórios existentes não dispõem de dados sobre a sua criação e instalação que fossem suficientes. Segundo os dados encontrados, Pereira cita que:

Porto Franco foi elevado à categoria de Termo Judiciário da Comarca de Imperatriz, por Lei Estadual nº 1.120, de 9 de janeiro de 1923, cuja instalação deu-se em 13 de junho de 1924. Pelo Decreto Estadual nº 15, de 30 de dezembro de 1937, foi o município elevada à sede da Comarca de Porto Franco, cuja instalação deu-se em 29 de julho de 1938 (PEREIRA, 1997, p.168).

A comarca permaneceu sem juiz titular até o ano de 1940, a partir de então é nomeado o primeiro juiz de Direito, após certo tempo a comarca novamente fica em período estável sem juiz, vindo a ser restabelecida somente em outubro de 1963, a Comarca a partir de então passa a ter uma “vida” mais regular. Ao final, o autor apresenta todos os juizes de 1963 a 1993 em ordem cronológica. A comarca de Porto Franco é de 1ª Entrância, a qual permanece

desde sua instalação apesar do bom movimento processual e cartorário do Município, não dispondo de fórum.

Através do capítulo, podemos evidenciar quais foram nossos representantes dentro das câmaras eleitorais do período de 1920 a 2000. São 100 anos, em que nomes foram eleitos e reeleitos, mas que por muitas vezes não representaram seus eleitores. Os vereadores por muitas das vezes realizam promessas a fim, de um bem particular, ganhar as eleições é ocupar uma cadeira na câmara municipal, contudo minha impressão é que enquanto eleitores deveriam escolher melhor que é essa minoria que reivindicam e lutam por nossos direitos.

Atualmente, dando continuidade a lista de vereadores, presidentes e vice-presidentes da câmara municipal de Porto Franco - 1920 a 2000 que foi trazida no livro, seguiremos com continuidade a mesma, compreendendo o ano de 2000 a 2022 e apresentando também os prefeitos respectivos a cada período eleitoral. Vale ressaltar que, no capítulo além dos vereadores citados, são também apresentados quais foram os presidentes e os vice-presidentes da câmara em cada ano, este dado em específico aqui não será apresentado considerando que não foi possível obtê-lo.

Tabela 1 - Mandato dos Prefeitos e Vereadores de Porto Franco de 2001 a 2024

Mandato Eleitoral	Prefeitos	Vereadores(As)
2001 a 2004	Josimar Nogueira Da Silva	Aderson Marinho Filho, Colemar Rodrigues Do Egito, Durval Feitosa Barros, Elmicia Queiroz Milhomem, Francisco Gomes De Castro, José Da Fonseca Porto, José Djardes Gomes Marinho, Josivan Nogueira Da Silva, Marcelo Santos Macedo, Teresinha De Jesus De Sousa Vasconcelos, Vicente Tibúrcio Do Amarante.
2005 a 2008	Deoclides Antonio Santos Neto Macedo	Colemar Rodrigues Do Egito, Francisco Gomes Maia, Herbert Glisson Marinho Milhomem, Josivan Nogueira Da Silva, Marcelo Dos Santos Macedo, Marcelo Dos Santos Macedo, Roberto Carlos Sardinha Soares, Teresinha De Jesus De Sousa Vasconcelos, Valtenes Dos Santos Almeida, Vicente Tibúrcio Do Amarante.
2009 a 2012	Deoclides Antonio Santos Neto Macedo	Durval Feitosa Barros, Ediney Domingos Marques, Erivaldo Marinho De Aguiar, Josivan Silva Junior, Marcelo Santos Macedo, Silvamar Oliveira Moreira, Valtenes Dos Santos Almeida, Vicente Tibúrcio Do Amarante.
2013 a 2016	Aderson Marinho Filho	Ana Léia Barros Araujo, Durval Feitosa Barros, Edidacio Lopes De Oliveira, Gedeon Goncalves Dos Santos, Ivana Brito De Abreu, Josivan Silva Junior, Nalva Veras Da Silva Moraes, Nouredin Nunes Da Rocha, Raimundo Almeida De Sousa, Rogerio Gomes Araujo, Teresinha De Jesus De Sousa Vasconcelos.
2017 a 2020	Nelson Horácio Macedo Fonseca	Durval Feitosa Barros, Edidacio Lopes De Oliveira, Edivan Pereira Miranda, Francisco Elias De Sá Sousa, Felipe Mota Aguiar, Francisco Farias Lopes, Gedeon Goncalves Dos Santos, Nalva Veras Da Silva Moraes, Rubens De Sá Pereira, Semeao Sobral Vilela, Valmivaldo De Moraes Marinho.

2021 a 2024	Deoclides Antonio Santos Neto Macedo	Durval Feitosa Barros, Edidacio Lopes De Oliveira, Felipe Mota Aguiar, Francisco Farias Lopes, Gedeon Goncalves Dos Santos, Gleison Rodrigues Da Silva, José Santo Cardoso Silva, Josivan Nogueira Da Silva, Nalva Veras Da Silva Morais, Rogerio Gomes Araujo, Salomão Veras De Barros.
----------------	--	--

FONTE: Elaborado por Maisa Marinho Dias (DIAS, Abril de 2022)

Os dados apresentados foram coletados em sites do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), estes não foram de fácil acesso, por essa consequência não conseguimos mesmo com tentativas constantes encontrar de modo online quais eram os vice-prefeitos de cada mandato apresentado. Observamos que muitos nomes foram vereadores e continuam sendo por vários mandatos consecutivos. Observamos ainda que, por Porto Franco por ser uma cidade pequena, os nomes presentes na pesquisa são conhecidos localmente e representam ou representaram parte da população porto franquina.

3.13 Porto Franco, hoje (páginas 173 a 176)

Neste pequeno capítulo o autor apresenta o Porto Franco de hoje, é interessante frisar que esse hoje se determina a mais ou menos o anos de 1996 a 1997, a cidade fundada no ano de 1920, logo melhorou, se desenvolveu, se estruturou e apesar de pequena, a cidade pode se tornar aprazível, sua população acompanhou de perto os avanços sejam eles, na comunicação, nos transportes, no comércio, industriais, na agropecuária, na saúde, na educação e na cultura, esses ganhos só foram possíveis graças ao esforço de muitos dos seus filhos.

No capítulo também são apresentados às cidades que se limitam com Porto Franco, sendo o município de Campestre do Maranhão e de Lajeado Novo ao Norte, ao sul com o município de Estreito, ao leste com o município de São João do Paraíso e ao Oeste com o Município de Tocantinópolis, estado do Tocantins. Neste também se encontra sobre a superfície, a população, os eleitores, o clima e a hidrografia.

Porto Franco cresceu acompanhado de modernas transformações, com advento das grandes rodovias que passam por aqui, como a BR-226 que na época esperava por asfalto, a rodovia Brasília-Belém (BR-010), a cidade só aumentava populacionalmente, ao final o autor cita que, estas mudanças não foram vista pelo pé de tarumã que tombou muito cedo, mas é destacado que, “mais vale um presente frutuoso do que um passado saudoso”.

Apesar de curto, o capítulo apresenta a atualidade (1997), da cidade de Porto Franco, minhas impressões são que este capítulo trabalha com uma espécie de conclusão, pois, próximo ao final da obra, seus leitores conseguem imaginar como a cidade se encontra na atualidade de sua publicação, o livro apresenta como a cidade cresce após a morte do velho

tarumã e como que ele não pode presenciar o desenvolvimento enfrentado a passos por Porto Franco.

3. 14 Desmembramentos Territoriais (páginas 177 a 186)

Este capítulo expõe o desmembramento territorial da cidade de São João do Paraíso e Campestre do Maranhão em 1994 da Comarca do Município de Porto Franco, ambas foram desvinculadas no mesmo ano. Brevemente sobre cada uma das cidades desmembradas, Waldemar Pereira traz um breve contexto histórico, de como eram, como surgiu e de quais eram as dificuldades de acessos a tal local. A cidade, Porto Franco, como apresentado em capítulos anteriores, vinham passando por dificuldades e o desmembramento territorial seria a melhor opção, pois os problemas de uma cidade eram triplicados.

Dessa forma, no fragmento é apresentado o contexto de criação e a instalação, concretizada em 1º de janeiro de 1997. Logo, os novos municípios emancipados realizam as eleições políticas, é no mesmo apresentam-se os nomes do seu primeiro prefeito, vice-prefeito e primeiros vereadores.

Compreender como eram os municípios vizinhos antes do desmembramento territorial é de extrema importância para pensarmos tal como, no passado, os moradores, que antes faziam parte do mesmo município, contribuíram para formar o ser social e cultural que somos hoje. Mesmo após o desmembramento, Porto Franco por ser maior, em questões desenvolvimentais e as cidades serem próximas por confrontações, às populações ainda mantêm vínculos constantes. Não obstante, a minha impressão é que por mais que as cidades tenham sido desmembradas, o sentimento de pertencimento ainda pertence àqueles que presenciaram a época, que não foi tão distante, comparado ao início do processo de desmembramento que ocorreu em 1994, cerca de 30 anos atrás.

Atualmente, a cidade de São João do Paraíso e Campestre do Maranhão possui 27 anos de fundação. Seus limites e confrontações permanecem os mesmos, mas sua população aumentou apesar de ainda serem cidades pequenas do interior, desse modo de simples povoados antes de 1994. Hoje as cidades contam com uma população estimada de 11.207 pessoas (IBGE/2021) em São João do Paraíso e em Campestre do Maranhão 14.530 (IBGE/2021).

O objetivo do desmembramento foi alcançado, hoje ambas as cidades se encontram maiores do que a 25 anos atrás, por mais que ainda dependam de alguns recursos concentrados na cidade de Porto Franco, como a variedade de bancos, lojas comerciais entre outros. Tanto São João do Paraíso quanto Campestre do Maranhão, são desenvolvidas, dentro

do padrão de infraestrutura possível. Todas as cidades precisam de melhorias e é compreendido que a ligação traçada até a atualidade entre as três cidades vizinhas contém papel importante para os habitantes de ambas.

3.15 Crônicas (páginas 187 a 192)

Neste capítulo são apresentadas duas crônicas, sendo a primeira “O despertar de um novo dia”, nesta o autor reflete sobre como a história de Porto Franco, descrita por si, tem um princípio, baseado desde a sua infância a épocas distintas, mas que teve relação constante com esta terra que o viu crescer, desde a infância, adolescência, maturidade até sua vida atual. Waldemar Pereira chama os leitores para pensar como tudo mudou no município, seja os costumes, suas tradições e métodos de trabalho, os sertões, a gente simples, tudo mudou. Agora é uma nova era, do futuro e cada dia mais promissor e Porto Franco desperta para o progresso.

A segunda crônica se intitula como, "Crepúsculo no Tocantins", o autor descreve nesta, como são o cenário da cidade debruçada, de lado oeste, as águas caudalosas do velho Tocantins. O cenário descrito com um crepúsculo total, os olhos enchem de vida ao vê a beleza do entardecer, é possível vê antes que as luzes de Tocantinópolis-TO se acendam, o sol vermelho, com nuvens rosas e as silhuetas das árvores, refletidos no espelho cristalino das águas. Por mais que a cidade se desenvolva e continue a crescer, os crepúsculos diários permaneceram.

Desse modo o autor conclui, afirmando que bonito é ter a certeza de que por mais mutável que seja a cidade, amanhã ainda será possível ver suas histórias, servindo de modelo para as cidades vizinhas do sul maranhense. O rio Tocantins, em sua correnteza leva tantas lembranças e recordações, assim como levou parte do tronco do velho tarumã, mas deixa na memória testemunhos. Waldemar Pereira o escritor, poeta, se refere ao final, afirmando que esta foi “Um filho de Porto Franco que não quis outras venturas senão a de ser chamado porto-franquino.”

Na **Figura 43**, vista parcial do Cais do Porto, obra realizada pelo prefeito Deoclides Macedo. Foto registrada na primavera de 25 de setembro de 1995, nesta se observa os dois filhos deixados pelo velho e inesquecível tarumã, como o autor descreve.

Figura 43 - Foto do Livro - Porto Franco despertando para o progresso



FONTE: Meu Pé de Tarumã Florido (PEREIRA, 1997,p. 188)

Figura 44 - Foto da Autora - Vista do antigo porto da cidade



FONTE: Maisa Marinho Dias (DIAS, Abril de 2022)

Na **Figura 44**, apresentamos o mesmo local, 25 anos após o registro, observamos que, este era o antigo porto da cidade, no livro o autor escreve somente sobre o tráfico fluvial de barquinhos, mas hoje além dos barcos presentes para o transporte de pessoas, desfrutamos também de duas balsas, que transportam pedestres, caminhões, ônibus, motocicletas entre outros, de um porto para outro.

A vista dessa mudança, o porto que antes se localizava na **Figura 43**, se deslocou para poucos metros à direita. Na **Figura 45** este é o ponto de venda de passagem, onde são vendidas passagens para aqueles que pretendem atravessar o rio de balsas. Já na **Figura 46**, apresentamos uma das balsas, haja vista que, como são duas, uma grande que transporta veículos de grande porte e uma com proporção menor, elas se deslocam de forma simultânea, uma sempre estando no porto de Tocantinópolis e outra no Porto Franco. Nesta mesma fotografia, observamos a presença de um barco à espera de passageiros.

Figura 45 - Foto da Autora - Ponto de vendas de passagens para balsa



FONTE: Maisa Marinho Dias (DIAS, Abril de 2022)

Figura 46 - Foto da Autora - Cais de Balsas e Barcos em 2022



FONTE: Maisa Marinho Dias (DIAS, Junho de 2022)

Muitos dos moradores da cidade de Porto Franco, lamentam até hoje, que a “Ponte de Integração”, construída entre a divisa de Estreito/Maranhão e Aguiarnópolis/ Tocantins, não tenha sido construída entre Porto Franco/Maranhão e Tocantinópolis/Tocantins. Atravessar o rio, mesmo desfrutando das balsas e dos barcos, não torna a ida rápida dos porto franquinos a Tocantinópolis e vice-versa, é necessário chegar ao menos com uma hora de antecedência de seu compromisso.

Isso acontece porque, com o advento das balsas, muitas foram às pessoas deixaram de trafegar de barco e passaram a fazer uso somente desta, por julgarem mais “seguro”, contudo, para ambas as atravessam é necessário um número mínimo de automóveis em cada, para que possam fazer essa troca simultânea. Nestas circunstâncias, com a preferência pela balsa, o tráfego dos barcos também acaba demorando, haja vista que, precisa de uma lotação mínima de pessoas.

Dito isso, concluímos que, a construção da ponte, seria de fato um ganho para as cidades, visto que, o tempo que “perdemos”, na espera para atravessar o rio Tocantins. Contudo, concebemos que um debate também constante é que, a construção da mesma, ocasionará na perda do recurso familiar dos barqueiros, concebendo que, estes precisam desse trabalho para sustentar sua família e que para muitos, este trabalho já faz parte de sua tradição familiar.

Chegamos ao fim do livro, o autor, em cada capítulo, lamenta o esquecimento trazido pelo tempo, nos propondo sempre a realizar o resgate na memória. Nas crônicas presentes, ele nos faz refletir como nossa vida é passageira, é o que somos e fazemos é constituído através do meio social que vivemos.

3.16 Poesias (páginas 193 a 226)

Neste último capítulo do livro *Meu Pé de Tarumã Florido*, o autor apresenta algumas das poesias escritas pelo mesmo. Sendo a primeira “Minha musa, minha lira”, nesta o autor fala sobre sua forte propensão para as artes. Apesar de por um momento quando jovem chegar a sentir vergonha de sua vocação, hoje ele se lamenta do que aconteceu e sabe que por mais que seus poemas não sejam joias literárias e que seu valor seja modesto e sem importância cultural (opinião do autor, discordamos desta pois reconhecemos o valor cultural de tais), mas servem para atestar sua vivência em Porto Franco sua terra natal.

“Minha musa”, apresentada a sua esposa, o poema *minha musa*, fala sobre sonhos, amor, sorrisos, “Envelhecemos juntos”, no poema é vista como a cidade cresce ao mesmo passo que o autor crescer e envelhecer juntos, “Amor materno”, dedicado a sua mãe, Adelaide Gomes Pereira, o autor escreve sobre como é incomensurável o amor materno, “Sem Deus”, o poema reflete sobre o amor de Deus, e como seria a vida sem teu imenso amor, “Insensatez”, este poema é um retrato sobre como as prostitutas por mais que, bela e atraente cometer loucuras e insensatez, “Esposa de Maçom”, o poema retrata como é ser esposa de maçom, o orgulho do dever com a fraternidade, “Falsos amigos”, sobre amizade a poesia, nos propõe a pensar que são raros os amigos verdadeiros, “Parabéns ao Brasil”, poema escrito para o aniversário de 172 de Independência, “Contradição”, este apresenta sobre como, uns gozam da riqueza e outros da dor, “Meu Maranhão do Sul”, no poema, o autor fala sobre o sonho do Maranhão do Sul, o desmembramento do estado que possibilitaria um novo Estado rico, “Rosa em botão”, este é um soneto criado para o baile de debutantes em Porto franco, “É a Saudade”, Waldemar Pereira escreve como tão doida e a saudade, esta que é eterna e companheira dos sonhadores que passam a vida a rememorar, “Drogas”, o poema fala sobre que destino esperas quem consomem a droga.

Seguidamente, o autor apresentar os hinos oficiais, escrito por ele, sendo o “Hino oficial da APAMI”, “Hino Oficial da Loja Maçônica Tiradentes nº18”, “Hino Oficial da U.I Marcolina Magalhães”, “Hino Oficial da U.I Clarindo Santiago”, “Hino Oficial da U.I Moreira Neto”, “Hino Oficial da U. I. Francisco Pereira Primo”, “Hino Oficial da U. I Valério

Miranda”, ao final “Hina a Tiradesntes”, este que o autor descreve ser cantado em todas as escolas.

Neste também, é descrito a Autobiografia do autor, resumidamente, pois no capítulo anterior deste trabalho foi feito de modo sucinto. Waldemar Gomes Pereira, poeta, escritor, advogado, e professor, nasceu a 4 de novembro de 1929 na cidade de Porto Franco, Maranhão. É filho legítimo de Joaquim Gomes Pereira e de Adelaide Gomes Pereira. Em sua autobiografia intitulada “Meu Pé de Tarumã Florido”, o autor discorre sobre a infância feliz que teve durante sua morada na pequena cidade de Porto Franco, sua juventude, seu processo educacional, suas formações, ganhos e dificuldades encontradas ao longo da vida que volta e meio sempre estava ligada a cidade de Porto Franco. Ao final do capítulo o autor escreve abaixo de sua fotografia apresentada nestas circunstâncias, sobre como “A primavera vai e volta... A mocidade é que não volta mais.” Há também a presença do último poema “O homem e a Árvore”, neste o autor escreve que se o ser humano fosse como as árvores, seria um constante renovar, envelhecendo, mas rejuvenescendo a cada primavera.

Na fotografia apresentada pela **Figura 47**, Pereira apresenta sua foto ao lado dos dois filhos da árvore Tarumã. Na foto, mesmo que em preto e branco, podemos observar que na beira rio da cidade, não se desfrutava de árvores, às margens do rio, a não ser os tarumãs. Na **Figura 48**, apresentamos a fotografia da autora, reproduzindo o mesmo cenário que o autor estava a 25 anos atrás, percebemos através dos capítulos do livro que muito se modificou desde a publicação do livro, até esta releitura da outra. Sabemos que estas mudanças são decorrentes do tempo e das constantes transformações que são adquiridas de acordo com a necessidade de cada cultura.

Figura 47 - Foto do Livro - Waldemar e o pé de Tarumã



FONTE: Meu Pé de Tarumã Florido (PEREIRA, 1997,p. 125)

Figura 48 - Foto da Autora - Maisa e o pé de Tarumã em 2022



FONTE: Maisa Marinho Dias (DIAS, Junho de 2022)

Ademais, ler os poemas escritos pelo autor, é grandioso, visto que através da sua leitura, podemos compreender como culturalmente a cidade influenciou no indivíduo em que o mesmo se tornou. Minha impressão é que o autor teve uma vida privilegiada por ser de uma família da elite, por isso, teve oportunidades que tão poucos tiveram os da 2ª classes (as famílias pobres, mas respeitadas), ou os da 3ª classe (as famílias de baixo meretrício).

Compreender como se constituiu a cultura e sociedade pertencemos é de suma importância, para a construção do indivíduo. A leitura do livro de modo geral, é rápida e clara, o autor apresenta através dos seus 16 capítulos, o contexto histórico vivido por Porto Franco, desde sua emancipação política 1920 até os dias atuais, Porto Franco hoje, 1997, ano de publicação do livro. Nos capítulos são distribuídas fotografias, estas que possibilitam visualizar o cenário social da época, de modo mais detalhado. Minhas impressões, ao término do livro de modo geral, é que ao passo que vinha realizando a leitura com o pensamento na análise de discurso é que, é necessário o resgate das memórias pessoais sobre como a cidade se encontra hoje a aproximadamente 25 anos após a publicação do livro, é que esse resgate possibilitar a continuação ao legado cultural deixado por Waldemar Gomes Pereira. Muito ainda se tem a falar, sobre a sociedade porto franquina, por mais que saibamos do olhar privilegiado do autor, partimos do pressuposto que nossa leitura resultará na continuidade de seu trabalho para a preservação da memória e cultura local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este TCC teve como objetivo realizar a Análise de Discurso do livro “Meu Pé de Tarumã Florido: um retrato de Porto Franco”, escrito pelo escritor, poeta, professor e advogado porto franquino Waldemar Gomes Pereira, publicado no ano de 1997. Retomando a pergunta norteadora deste trabalho: Como se desenvolveu e dinamizou a cultura e a tradição local do município de Porto Franco ao longo de aproximadamente 25 anos após a publicação do livro de Waldemar Gomes Pereira? Obtivemos as seguintes considerações finais.

A partir dos dados encontrados através das análises do texto e das fotografias do livro em questão, foi possível compreender que, à medida que os anos foram se passando, mudanças políticas, econômicas, culturais e sociais foram ocorrendo na cidade. Da mesma maneira houveram avanços tecnológicos como, por exemplo, a modernização das técnicas de construção de moradias e estabelecimentos públicos ou privados. Estas mudanças ocorreram, haja vista que, com os anos foi necessário que a cidade fosse se modernizando e passasse a se adequar aos recursos trazidos da capital do Maranhão, cidade de São Luís, para Porto Franco.

A dinamização da cultura por sua vez, encontrou-se na mesma situação, haja vista que, o aperfeiçoamento que houve ao longo desses 25 anos, foi com o intuito de melhoria. Sabemos que cada cultura possui sua dinâmica e que nenhuma sociedade está isenta de transformações com o passar do tempo. Compreendemos através do capítulo 8 do livro - Integração Nacional, que com a construção da ponte de integração em Estreito na década de 60 e posteriormente a construção da rodovia Brasília-Belém BR-01, que muitos foram os migrantes vindo de outras regiões do país para Porto Franco, o contato com outras culturas, fez com que houvesse o aperfeiçoamento da cultura local a fim de uma melhoria comum, cabe lembrar que esse processo é contínuo e está em constante movimento.

Lembramos que a tradição é compreendida como a repetição de normas, valores, ritos entre outros, foi observado ao longo do estudo do livro que, as tradições foram se alterando também conforme a necessidade dos porto fraquinos, concebemos esse acontecimento, não como negativo ou positivo, pois sabemos que as mudanças que ocorreram vão de encontro com a necessidade de cada grupo.

Ao longo da análise do livro, foi possível observar através das imagens contidas em seu texto e das novas imagens coletadas, como as mudanças ocorridas foram de acordo com as necessidades dos moradores da cidade. Desse modo, o uso das fotografias presente no trabalho, possibilitou o resgate de acontecimentos do passado, representado pelo livro Meu Pé de Tarumã Florido e do presente, apresentados pela autora no TCC.

Desde o início da pesquisa, entendemos que não seria possível reproduzir todas as imagens presentes no livro, haja vista, que o livro é extenso e apresenta uma pluralidade de temas. Não obstante, em um trabalho posterior pretendemos abordar um capítulo específico para que o trabalho e a análise possa ser feito com mais profundidade, o capítulo referido seria o capítulo 4- Cultura, Tradição e Folclore, este que desencadeou o questionamento da pergunta de pesquisa. Desde o primeiro contato com esse capítulo tivemos o anseio pela realização deste trabalho, haja vista que compreendemos de qual modo nossas heranças culturais, tradicionais e folclóricas contribuíram para a constituição do presente e de significativa relevância para a preservação destes traços.

Há 25 anos seria pouco provável e valorizado um trabalho como este, caso tivesse sido escrito por uma mulher, como eu, de família humilde e camponesa, mas principalmente por ser mulher e não usufruir dos mesmos benefícios que os homens possuíam. Hoje, com as dinamizações culturais e sociais, muita coisa mudou, nós mulheres ainda não conseguimos igualdade ou ao menos equidade, mas podemos dentro da universidade ou ambientes como tais, traçar caminhos para que esse futuro seja possível. A análise produzida através do livro apresenta também como é possível nos percebermos dentro da sociedade capitalista, o autor Waldemar Gomes Pereira, pertencia a uma fração da sociedade em que poucos faziam parte, elitizada e dominante na cidade.

Através da análise do livro, foi possível compreender que o autor Waldemar Pereira, possui um ponto de vista elitizado e equivocado sobre o conceito de cultura, sabemos que este não era um cientista social, mas sim um poeta, escritor, professor e advogado. Contudo, apesar dessa má interpretação do conceito pelo autor, compreendemos a importância desse trabalho apresentado pelo mesmo, haja vista que o intuito do seu livro é levar a história, a cultura e as memórias da cidade de Porto Franco a conhecimento de todos, além eternizar sua vida bem como a cidade se desenvolveu junto a ela.

Localmente o livro possui acesso limitado, são poucos entre os jovens que conhecem ou já leram o livro. Esta obra local por mais que peque em alguns pontos, como na apresentação dos conceitos de cultura e sociedade, por exemplo, ou nas referências, pelo fato dele não apresentar as fontes das fotografias ou dados que não foram vividos por Waldemar Pereira, mas são apresentados. É de suma importância que seja consumida pela população em geral, não só da cidade de Porto Franco, como também de outras cidades.

Não obstante, o difícil contato com o livro parte da extinção deste, não houve uma reedição deste e por isso, com o passar dos anos, os poucos que foram impressos estão desaparecendo. Para a produção deste trabalho tivemos que xerocar um exemplar emprestado

pela avó de um amigo, haja vista na biblioteca da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), contém apenas um, disponível apenas para consulta. A reedição desta nestas circunstâncias é de muita relevância para sua valorização, pondo que esse trabalho de relançamento traria mais visibilidade a uma obra tão importante mas que está sendo esquecida no tempo.

Em síntese a produção deste trabalho é circunstancialmente importante para dar continuidade ao trabalho deixado pelo autor porto franquino Waldemar Gomes Pereira, sua análises bem como as novas contribuições apresentadas possibilitaram que haja o resgate sócio-histórico almejado, bem como se eternize através das fotografias os cenários encontrados no ano de 2022. Outros trabalhos poderam surgir através deste, com o intuito de aprofundar temáticas encontradas e postas em discussão.

Nosso objeto foi a análise de discurso do livro “Meu Pé de Tarumã Florido”, de Waldemar Gomes Pereira para evidenciar como a obra propicia, através das fotografias, o entendimento sobre os processos de desenvolvimento e dinamização da cultura e da tradição local da cidade de Porto Franco. Desse modo, para cumprir nosso objetivo, realizamos uma revisão teórica sobre, Análise de Discurso, o uso das fotografias nas Ciências Sociais e na Antropologia, além dos conceitos, de Memória, Cultura e Patrimônio. O homem é o único ser vivo que posto em contato com outros é capaz de se adaptar, questionar seus próprios hábitos e modificá-los. Neste trabalho foi possível perceber como os porto franquinos ao longo desses 25 anos após a publicação do livro, continuam em constante processo de mudanças em seus hábitos, costumes e tradições. O passar dos anos faz com que cada grupo de indivíduos, modifique os seus diversos modos de vida a fim do aperfeiçoamento de sua cultura. Este trabalho por sua vez, possibilitou através das fotografias a eternização das mudanças na cultura e dos espaços encontrados em 2022, da mesma forma que Waldemar Pereira os eternizou em 1997 com a publicação do livro.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Pequena História da Fotografia**. IN BENJAMIN: Magia e Técnica, arte e política - ensaios sobre literatura e história da cultura. Ed. Brasiliense, SP, 1987. p. 91-107.
- BRASIL, Agência. **Brasil tem cinco línguas indígenas com mais de 10 mil falantes**. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2014-12/brasil-tem-cinco-linguas-indigenas-com-mais-de-10-mil-falantes>> Acesso em: 10 de abril de 2022.
- BRASIL, Árvores. **Tarumã a Vitex Montevidensis**. Disponível em: <<https://www.arvores.brasil.nom.br/new/taruma/>> acesso em 20 de maio de 2022.
- CARMO, Andreia Nascimento; MELIAN, Valdivia Telia Rosa de. Uma abordagem sobre o discurso e a discursividade "Araguína, a capital do boi gordo" In: **Revista de Letras da Universidade do Estado do Pará (UEPA)**, Out-Dez. 2018
- CAUBY NOVAES, Sylvia. **Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico** IN Mana 14(2): 455- 475. 2008.
- CIPREST, Viveiro. **Tarumã do Cerrado**. Plantas Nativas e Exóticas. Disponível em: <<https://ciprest.blogspot.com/2018/03/taruma-do-cerrado-vitex-polygama.html>> acesso em: 01 de junho de 2022.
- CHARAUDEAU, MAINGUENEAU, Patrick, Dominique. **Dicionário de análise de discurso**. 3.ed. São Paulo. Editora Contexto, 2004.
- CHIZZOTTI, Antonio.. Parte II Estratégias de Pesquisa: Capítulo 04 – **Análise de conteúdo, análise de narrativa, análise do discurso**. Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais. São Paulo: Cortez, 2003.
- COLLIER, John Jr. **Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa**. São Paulo: EPU, 1973.
- COMER, Matos de. **Tarumã, a uva do cerrado**. Disponível em: <<http://www.matosdecomer.com.br/2017/03/taruma-uva-do-cerrado.html>> acesso em: 01 de junho de 2022.
- CORÁ, Maria Amelia Jundurian. **Memória e patrimônio imaterial: formação de identidade a partir dos patrimônios culturais do Brasil**. Revista NAU Social - v.4 n.6, p. 120-132 Mai/Out 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/nausocial/article/view/31251>> acesso em: 30 de março de 2022.
- EDWARDS, Elizabeth. **Antropologia e Fotografia**. Cadernos de Antropologia e Imagem, Rio de Janeiro: 172, 1996. Disponível em <<http://ppcis.com.br/wp-content/uploads/2018/09/Cadernos-de-Antropologia-e-Imagem-2.-Antropologia-e-Fotografia.pdf>> acesso em 26 de setembro de 2021.
- ETIMOLÓGICO, Dicionário. **Fotografia**. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/fotografia>> acesso em: 10 de março de 2022.
- FERRAZ, Ana Lúcia Marques Camargo e MENDONÇA, João Marinho de (orgs). **Antropologia Visual: Perspectivas de Ensino e Pesquisa**: ABA, 2014.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.
- FRUTAS, Colecionando. **Tarumã**. Vitex Montevidensis. Disponível em: <<https://www.colecionandofrutas.com.br/vitexmontevidensis.htm>> acesso em 20 de maio de 2022.
- GAMA, Fabiene. **Etnografias, auto-representações, discursos e imagens; somando representações**. GONÇALVES, M. e HEAD, S. (org). Devires imagéticos: a etnografia, o outro e as suas imagens. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

- HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffer. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.
- HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terrence. **A invenção das tradições**. v.55. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- IBGE, Cidades. Histórico. **Porto Franco MA**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/porto-franco/historico>> acesso em: 25 de março de 2022.
- IBGE, Cidades. Porto Franco - Maranhão. **Histórico**. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/porto-franco/panorama>> acesso em: 08 de março de 2022.
- IBGE, Site da Federação dos Municípios Maranhenses – **FAMEM**. Disponível em: <<http://www.famem.org.br>> acesso em: 28 de março de 2022.
- IBGE, Cidades. **São João do Paraíso MA**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/sao-joao-do-paraíso.html>> acesso em 25 de abril de 2022.
- IBGE, Cidades. **Campestre do Maranhão**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/campestre-do-maranhao/panorama>> acesso em 25 de abril de 2022.
- IMPERATRIZ, Maranhão. **Portal de Imperatriz**. Disponível em: <<https://www.imperatriz.ma.gov.br/portal/imperatriz/a-cidade.html>> acesso em: 10 de março de 2022.
- IPHAN. **Programa Nacional do Patrimônio Imaterial**. Brasília: IPHAN/MinC, 3 ed.2008.
- LARAIA, Roque de B. **"Como opera a cultura"**. In: Cultura: um conceito antropológico. 23ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- LE MOS, Carlos. **O que é Patrimônio Histórico**. 2º ed. rev. e ampl. São Paulo: Brasiliense, 2010. (Coleção Primeiros Passos, n. 51)
- MACIEL, Maria Eunice. **Os Sabores do Patrimônio**. In: LIMA FILHO, Manuel F.; BEZERRA, Marcia (orgs). **Os Caminhos do Patrimônio no Brasil**. Goiânia: Alternativa, 2006. p. 89-104.
- MAPAS, Brasil. **Porto Franco, Maranhão**. Disponível em: <https://www.mapas.com.br/brasil/maranhao/porto-franco> acesso em: 30 de março de 2022.
- NEW, Campo Grande. **Dada como morta após incêndio, tarumã "revive" em florada exuberante**. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/meio-ambiente/dada-como-morta-apos-incendio-taruma-revive-em-florada-exuberante>> acesso em: 01 de junho de 2022.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**.; tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al.] - 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.
- PELEGRINI, Sandra.; FUNARI, Pedro. O que é Patrimônio Cultural Imaterial. São Paulo: Brasiliense, 2011. (Coleção Primeiros Passos, n. 331)
- PEREIRA, Waldemar Gomes. **Meu Pé de Tarumã Florido: um retrato de Porto Franco**. Imperatriz: Editora Ética, 1997.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Revista estudo histórico, n.10, p.204, 1992 Disponível em: <<http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>> acesso em: 02 de abril de 2022.
- PORTO, Gabriela. **Análise do Discurso**. 2022. Disponível em: <https://www.infoescola.com/linguistica/analise-do-discurso>. Acesso em: 27 abr. 2022.
- PROGRESSO, Jornal. **Porto Franco faz, de novo, o melhor carnaval da região**. Regional. Disponível em:

<<http://www.oprogreso-ma.com.br/regional/porto-franco-faz-de-novo-o-melhor-carnaval-da-regiao/11056.html>> acesso 20 de abril de 2022.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval e MAHFOUD, Miguel. **Halbwachs**: Memória coletiva e experiência. São Paulo. Psicologia USP, p.285-298, 1993. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34481>> acesso em: 28 de março de 2022.

SILVA, Simone Rodrigues da. **Imagens da Memória**: Mudanças na paisagem urbana de Tocantinópolis. Tocantinópolis, TO, 2018. 60f. Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins - Campus Universitário de Tocantinópolis - Curso de Pedagogia, 2018.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**. Capítulo 09: Observando o Familiar. Rio de Janeiro: Zahar. 1981.

WIKIPEDIA, Mapa. Porto Franco. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Porto_Franco> acesso em: 30 de março de 2022.